



JUVENTUDE E INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA:
caracterização de situações-tipo e organizações juvenis

**Movimento Hip Hop de
Caruaru - Pernambuco**

RELATÓRIO DAS SITUAÇÕES-TIPO BRASIL

Hip Hop: Família MBJ Caruaru - PE

Adjair Alves - UFPE (Coord.)
Rosilene Alvim - UFRJ (Coord.)

Coordenação



Apoio



Setembro 2007

Sumário

1. Breve abordagem do segmento juvenil e suas demandas	4
2. Caracterização etnográfica da situação estudada	7
Notas	26
Anexos	28
Referências Bibliográficas	31

1. Breve abordagem do segmento juvenil e suas demandas

A família MBJ surgiu por volta de 2000 e 2002, conforme relatos de seus integrantes fundadores. Como organização dos jovens do Morro Bom Jesus e do bairro Centenário em Caruaru, Pernambuco, a família MBJ corresponde a um conselho diretor composto por 12 jovens integrantes do movimento hip-hop em Caruaru e tem a função de interlocutora do movimento hip-hop no Morro Bom Jesus e no bairro Centenário.

..a gente começou a pensar na necessidade de juntar as forças, pra levar o movimento adiante e torná-lo público, no rádio, televisão, mostrar a cara. Isoladamente a gente não tinha representatividade, não tinha como dizer quem somos. Mas, como organização, a gente tanto podia dizer quem é como podia articular também a carreira individual, contando com o apoio de todos da família MBJ. A família foi organizada para mudar esse quadro em relação ao jovem da favela, da periferia. Fazer o jovem entender que ele tem que trabalhar, para levantar sua auto-estima. Se reconhecer como capaz pra poder ser reconhecido como capaz pelos outros lá fora. Pra você exigir que reconheçam você é preciso que você se reconheça primeiro. Então, a família, a meu ver, tem essa função, porque ela valoriza o jovem, ela diz a cada um da gente que a gente pode, que a gente é capaz. Ela conscientiza o jovem pobre da periferia de sua capacidade. Ele começa a acreditar nele, nas atividades que desenvolve dentro da associação, quando são dadas a ele atribuições que até então ele não tinha desenvolvido, aí ele começa a acreditar no seu potencial e passa a agir na sociedade com base naquilo que ele aprendeu na convivência com a família MBJ. – Fábio Santos de Azevedo (Preto RF “Rima Forte”)

Como é que se pensou isso? Enfim, se tomarmos cada banda com sua bandeira isolada, não se tem o conjunto do que se passa no Morro, aí você vai dizer: mas não é só isso que acontece por aqui. Tudo isso acontece por aqui, então não fazia sentido a gente estar separado. Qual a força que teríamos? Enfim, esses e outros eram os motivos que nos levaram a nos organizar a fim de juntarmos forças para combater esses maus exemplos sociais. – Isael de Souza Alves (MC JC)

O objetivo é promover o apoio necessário aos jovens do movimento hip-hop em Caruaru, em todos os aspectos possíveis, incluindo aí a produção de discos e shows.

A gente quer divulgar a comunidade da gente através da família MBJ. Assim a gente tá mostrando que não é só aqui no Morro, mas também lá no São João da Escócia. A gente tem muito apoio da família MBJ, tanto materialmente como apoio moral. Por exemplo, na gravação do nosso primeiro CD, a gente teve o apoio dos irmãos, inclusive economicamente, porque, se não fosse esse apoio, a gente não teria como fazer esse trabalho. – MC MAX (bairro São João da Escócia)

Os jovens que compõem a família MBJ residem no Morro Bom Jesus (MBJ) e no bairro Centenário. Este circunda o lado leste do Morro Bom Jesus. Embora se localizem nas proximidades do centro de Caruaru, esses bairros são considerados, pelos próprios jovens, como “periferias”¹ em virtude das condições sociais, econômicas e culturais características desses locais, com alto índice de exclusão social e criminalidade. Esses jovens negros se reconhecem como tais, e assim se identificam por causa de suas condições sociais.

Ser negro hoje no Brasil é você ser suburbano, periférico. Assumir a identidade do lugar de onde você veio gera as discriminações. Porque, a partir do momento que você não tem vergonha de ser o que você é, de assumir mesmo sua identidade suburbana, você vai ser discriminado... A relação negro–exclusão anda lado a lado. Porque, por mais que a televisão mostre as novelas, as discriminações contra o negro, eles nunca vão mostrar a essência histórica de onde veio, do sofrimento que foi e tem sido a luta do negro. Porque eles estão fazendo a ficção. Tem diferença enorme entre a novela da Record retratando a periferia e o documentário do Bill, Meninos do tráfico. Tem muita diferença em termos de sentimento, de realidade... O ponto negativo do olhar do alto escalão da sociedade em relação a nós aqui do subúrbio é que eles não aceitam que a gente cresça ao nível deles. Essa é uma realidade que todo jovem que é daqui ou que tenha saído do subúrbio tem que saber. Porque eles não vão querer ver o “Black-out” patrão, nunca! Eles querem que eu estude e que seja capacitado para ser um bom funcionário pra eles, um gerente, um supervisor, mas nunca um proprietário igual a eles. Essa é a grande negatividade, que a gente seja sempre a mão-de-obra geradora de renda para o grande uso deles. – Clodoaldo José da Silva (MC Black-out)

A escolha desse segmento juvenil como objeto de estudo se deu pela sua identificação com as questões étnico-raciais, a relação com a cultura e a articulação em torno do movimento hip-hop, que eles identificam como “cultura de rua”.

O hip-hop foi, por assim dizer, o instrumento catalisador das potencialidades desses jovens pelo fato de agregar valores que vão desde a percepção da identidade cultural, como fator de reconhecimento, até justiça social, como elemento de distribuição. Identificando-se, desse modo, como participantes do movimento hip-hop, esses jovens conseguiram organizar-se em grupo e fazer valer sua força reivindicatória como instrumento de pressão e mudança na agenda política do município.

Como atestam os membros da família MBJ, organizar-se num coletivo tornou-se um imperativo, visto que essa era a única forma de se fazer ouvir enquanto grupo organizado. Mas isso não significa que conseguiram atingir completamente a superação de suas demandas sociais e culturais.

A família MBJ ajudou na construção de uma proximidade maior com a comunidade. Aqui está a nossa força. Sem a comunidade a gente não prossegue. Então esse era o primeiro passo da Organização Família MBJ: superar as dificuldades quanto à forma como a comunidade vê os jovens da própria comunidade, e foi com as ações da família MBJ que a gente foi quebrando os preconceitos dentro e fora da comunidade. Hoje, muitos pais de família chegam perto para valorizar o trabalho que seu próprio filho desenvolve na comunidade. O trabalho social que a gente mantém dentro da comunidade, trabalho educativo, sobretudo, ajudou a superar as dificuldades de modo que as pessoas na rua olham pra gente de forma positiva, dando os parabéns ao trabalho e dando força para continuar. É interessante ver como a família MBJ adquiriu tanto prestígio. Por exemplo: eu não estou aqui dizendo que a polícia é 100%, mas até da polícia a gente tem ganhado o respeito. Antigamente, eles paravam a gente, bastavam nos ver, hoje não, eles admiram o trabalho da gente. Isso é uma coisa que a gente conquistou e que jamais vamos perder. (Márcio Bezerra da Silva – líder do Movimento Hip-Hop e membro da família MBJ – Entrevista, 18/6/2007)

Embora Márcio, no depoimento coletado em campo, tenha destacado mudanças quanto a determinadas formas de violência sofridas pelos jovens, e ele se refere especificamente à relação com a polícia, é preciso chamar a atenção para o fato de que aqui ele alude à relação Família MBJ–Polícia Militar. Não se trata da forma como a polícia lida com o jovem da periferia em geral. Ele está falando em termos do coletivo juvenil. A situação de violência contra os jovens do Morro Bom Jesus e do bairro Centenário continua conflituosa e violenta.

Antes da organização da família MBJ, a Polícia Militar, sempre que chegava ao Morro, não queria saber se os jovens eram ou não do hip-hop; às vezes, ser do hip-hop tornava-se uma razão para a violência policial. E tudo isso pelo fato de saberem que aqueles jovens produziam letras críticas às atitudes violentas dos policiais. Estes invadiam o salão onde os jovens se reuniam com a desculpa de “revistá-los”, para saber se eles tinham drogas, como eu mesmo presenciei quando de minha pesquisa de campo em 2004². Se por um lado essas ações não estão se repetindo, como acontecia antes da organização da FMBJ, por outro elas se intensificam sobre os jovens do Morro Bom Jesus, seja quando estão em grupo, seja quando estão sozinhos. Talvez não os líderes da Família MBJ, por terem maior visibilidade na comunidade e estarem sempre presentes nos meios de comunicação, mas os liderados, quando estão sozinhos, acabam ainda vítimas dessas ações truculentas, presenciadas por mim conforme relato em meu diário de campo.

Assim que encerrei a conversa com RF, desci a Rua da Sé e encontrei JC e DJ Ivan, que ainda estavam conversando sobre os projetos de sua banda, Juventude Sangrenta. DJ Ivan despediu-se da gente e seguimos, eu, JC e RF, pela Rua da Sé em direção ao meu carro, que estava estacionado logo no início da rua. Mais adiante, passamos por dois policiais em suas motos, parados à entrada do beco do S, no Centenário. Esse beco tem esse nome porque ele possui a estrutura de um S. Alguns anos atrás, os jovens da família MBJ haviam me dito que aquele beco era canal de fuga da malandragem, razão pela qual os policiais estavam ali. Passamos pelos policiais sem despertar sua atenção e seguimos adiante, eu e JC. Quando me despeço de JC e já estou entrando no carro para retornar ao hotel onde estava hospedado, vi quando os policiais pararam JC e o revistaram. Saí do carro e fiquei de longe observando o que poderia acontecer. Após a revista, eles liberaram JC, que acenou para mim com sinal de “positivo” e seguiu adiante, subindo as escadarias que o levavam a sua residência... No dia seguinte, voltei ao Morro e fui direto à casa de DJ Ivan, visto que lá estavam JC, MC Ionara e MC Jojó. DJ Ivan estava ao computador, trabalhando na construção de uma nova base para um rap que havia sido escrito por JC. Naquele momento, fui indagado por JC sobre o incidente do dia anterior e, logo após meus breves comentários, ele me disse que o policial pegou seu maço de cigarros e perguntou em que ele era viciado. Ele respondeu que em cigarro, e o policial voltou a perguntar “se JC tinha certeza”. JC confirmou. O policial abriu sua carteira e viu dentro o documento do pernoite do presídio (é que JC está sob condicional). O policial voltou a olhar para JC e o mandou embora. Foi aí que JC acenou para mim confirmando que estava tudo positivo. (Fragmento do Diário de Campo, 14/7/2007)

Mas o fato é que esses jovens têm experimentado algumas transformações e atingido alguns dos seus objetivos com a organização da família MBJ. Esses objetivos giram em torno de demandas sociais que eles consideram fundamentais para sua existência como “ser de direito”. Ou seja, educação profissionalizante de qualidade, adequada à realidade do jovem “periférico”, inclusão social, mediada pelas condições e oportunidades de trabalho, e reconhecimento social, pautado pelo fim do preconceito cultural e racial.

A questão da visibilidade estava na base de tudo, porque, juntos, a gente conseguiu unir os jovens que curtiam o movimento dando maior poder de pressão ao movimento. Isso só veio acontecer com a criação da família MBJ. Três das bandas precursoras do movimento têm suas bases no Centenário e no Morro Bom Jesus. Já a Alerta Pro'sistema é daqui do outro lado, isto é, zona leste de Caruaru... A gente tinha os estandartes da família, que eram inclusão social e cultural, porque não existia essa preocupação nos subúrbios, e aí vinha a questão da escola, que, naquele momento, no Morro, não havia. A associação como espaço para desenvolvimento de atividades artísticas do hip-hop também não existia... (Black-out – Líder na FMBJ, fragmentos de entrevista, 19/6/2007)

Essa sociedade pensa que a gente é um zero à esquerda, é um nada a ver. A gente não desconhece as coisas negativas que existem aqui, mas a gente tem coisas positivas também, porque é assim que todo ser humano é. Só que eles não querem considerar a gente como um ser humano igual a eles. Às vezes, eles pensam que o jovem da favela, porque não tem a mesma escolaridade deles, é inferior, mas não é assim, não. O jovem muitas vezes não tem a escola porque precisa, logo cedo, trabalhar pra ajudar sua família, e muitas vezes o pai não tem condição de sustentar sozinho o trampo, então o jovem é obrigado a deixar a escola logo cedo. Mas o jovem da periferia tem capacidade de ser o que ele desejar, um médico, advogado, seja lá o que for. O que falta são as condições. Daí porque ele acaba se tornando um maloqueiro. Então a Organização Hip-Hop Família MBJ foi fundada com a finalidade de juntar forças, lutar por melhores condições e fortalecer a luta do jovem da periferia. A idéia era tornar a gente mais forte para lutar pelos objetivos. E é assim que tem sido. (Preto RF, fragmento de entrevista, 23/6/2007)

A família MBJ, o hip-hop aí, tem um desafio à frente, porque o que eu vejo nessa sociedade é muito preconceito, e a gente tem uma dupla missão: convencer os irmãos da favela a lutarem contra isso e também convencer os racistas das idiotices deles. Mostrar que somos todos iguais, embora diferentes. Que o indivíduo não deve ser condenado por sua diferença. A gente tem mantido os projetos no Morro, o que é muito importante. Tem alguns membros da MBJ à frente tentando dar continuidade ao trabalho de conscientização do nosso povo. Infelizmente, nem todos têm tempo para se envolver totalmente porque a gente não tem recurso para manter todo mundo trabalhando para o hip-hop, né? E a gente precisa sobreviver, mas os irmãos que estão à frente têm dado conta do recado. (Preto RF, trecho de entrevista, 14/7/2007)

A família, então, surge da necessidade de mostrar o que se passa no Morro, mas de forma que fosse possível perceber que tudo tem a ver com tudo. Isso não podia ser feito por um grupo só. Então, veja, a Obsessão ia apresentar apenas a questão do racismo. Um jovem negro como o Preto RF falando que é discriminado por ser da favela. O que se podia pensar? Que era um recalcado, frustrado, que se queixa de não ter tido êxito na vida e culpa o racismo. A Juventude Sangrenta falando dos pais de família assassinados no Morro pela polícia, ou morrendo no crime, o que iriam dizer? Uns marginais querendo defender os criminosos. Mas aí você tem a família; todo mundo junto dizendo tudo isso, um grupo grande, mais de 60 jovens. Quando a gente faz os shows na Praça do Centenário, desce toda a juventude do Morro, bairro Centenário, São Francisco, Salgado, Cohabs; enfim, aquela multidão de jovens repetindo os refrões das bandas. Isso sim é pressão! Os pais desses jovens tudo ali apoiando o grito deles. Essa era a intenção. E aí você tinha do outro lado da cidade, seja no São Francisco, seja no Alto da Balança, os parceiros que colam com a gente, fazendo suas paradas, sozinhos também, então vamos juntar todo mundo. Poder Negro, no São Francisco, falando do que se passa na quebrada por lá; Alerta Pro'sistema disparando o verbo contra o sistema do lado do Salgado e do Alto da Balança. Então, foi essa a nossa estratégia para fazer valer nosso grito de liberdade. (JC, entrevista, 23/6/2007)

Essas eram as demandas sociais que motivaram a organização do coletivo juvenil no Morro Bom Jesus em Caruaru e essas têm sido as razões por que esses jovens têm lutado. Isso não tem sido fácil para eles, pois, como eles mesmos insistem em dizer, as ofertas fáceis do crime estão mais perto, mas eles reconhecem que é preciso resistir apesar das dificuldades que têm de enfrentar cotidianamente.

...Como eu estava falando, o jovem da periferia não pode escolher no que trabalhar porque, um exemplo como eu, por minha vontade, eu seria médico, teria formação em Direito, em Letras ou Economia, mas veja, eu estou ainda concluindo os estudos no colégio [RF está cursando a terceira série do ensino médio], quando já deveria ter concluído. Mas por quê? Porque eu tenho que trabalhar pra sobreviver. Os jovens das classes dominantes, esses, sim, podem escolher o que desejam ser porque têm tudo nas mãos; nasceram em berço de ouro. Têm uma vida melhor e, com certeza, vão conservar esse status social. Há então uma desigualdade de condições e, conseqüentemente, de oportunidades para os jovens, e isso depende de onde ele esteja nas relações econômicas. Se na classe dominante, ou na classe eco-

nomicamente dominada. O jovem da classe dominante pode desfrutar o apoio da família, mas e o jovem da periferia? Que apoio ele pode desfrutar? Um exemplo é aqui, minhas condições, minha família, que apoio ela pode me dar? Eu estou me tomando como exemplo, mas aqui onde eu moro, Morro Bom Jesus, bairro Centenário, os jovens têm as mesmas condições que eu, ou seja, nenhuma condição que possibilite a eles se dedicar aos estudos. (Preto RF, entrevista, 14/7/2007)

2. Caracterização etnográfica da situação-tipo estudada

Justificativa da escolha da situação-tipo

Caruaru tem suas origens ligadas às feiras para comércio dos produtos do agreste e do sertão (FERREIRA, 2001, p.108), definindo aí sua vocação comercial na região. Localizada a 136 km do litoral pernambucano, na região do agreste, desempenha a função de “principal pólo comercial”. Essa posição, aliada às questões sociais, provocadas pela postura política das elites governantes ante o fenômeno natural da seca, tem ocasionado um fluxo migratório na região fazendo com que se crie um amontoado de gente, sem planejamento urbano adequado.³

Essa população, nesse fluxo em direção à cidade, vai se fixando aí, em condições precárias de sobrevivência⁴, formando aglomerados, que vão constituindo favelas, espaços precários de subsistência, caracterizados por uma assistência mínima dos serviços públicos, ausência de saneamento básico, serviços de saúde, entre outros, gerando um contingente de excluídos sociais.

O Morro Bom Jesus, em virtude de sua localização, poderia ser considerado um cartão-postal da cidade não fosse seu aspecto socialmente dramático, a fama de ter se transformado em um lugar assustador, abrigando seus fantasmas, quase sempre exorcizados pela ação da polícia. Visto de todos os pontos, oferece, igualmente, vista de todos os pontos da cidade de Caruaru. Transformou-se num retrato da exclusão social. Seus moradores são pessoas que vivem à margem do processo econômico-social: garis, comerciantes ambulantes, artífices, guardas-noturnos, marchantes, desempregados e uma categoria marginal de trabalhadores que ocupa espaços na feira “do troca”, quase sempre comercializando produtos roubados.

O Morro Bom Jesus tem sido alvo das manchetes locais por abrigar uma população de “degradados” sociais: traficantes, criminosos procurados pela justiça etc. Uma população que vale por si mesma, pois só é lembrada em período eleitoral ou nos noticiários policiais. “Os políticos só vêm aqui para pedir nosso voto. Abraçam nossa molecada e, depois, somem.”⁵ Ao “pé” do Morro, está o bairro Centenário, cuja população não se distingue do quadro apresentado. Esses dois bairros são considerados os mais violentos e temidos na cidade.

Nessa comunidade, identificada pelos hoppers como periferia⁶, jovens organizados em um movimento cultural e social articulam um manifesto à vida e lutam pela sobrevivência, contra a criminalidade, as drogas, a violência policial e a segregação sociocultural, como está claro nas composições poéticas, cantadas como meio de informação, os raps. Juntam-se a eles outras galeras, os skatistas, meninos e meninas de rua, em virtude de sua proximidade socioeconômica e cultural. Há um laço estreito entre as manifestações culturais vivenciadas por esses grupos de jovens, que criam alternativas de ocupação dos espaços ociosos, onde são, quase sempre, vitimados pela ação preconceituosa de uma população que os desconhece como cidadãos e, muitas vezes, ratifica a ação violenta do Estado.⁷

Em Caruaru, os hoppers do Morro Bom Jesus têm procurado atrair a atenção da sociedade para as questões simbólicas, as formas de segregação social e cultural, mas também material e econômica. A eles são negados os direitos de se reconhecerem como membros de uma sociedade, comportamento que tem gerado, muitas vezes, nesses estratos sociais, expressões como “a sociedade” para se referirem a outros estratos sociais, como se eles não fizessem parte da sociedade. Assim eles dizem: “O cara

que é da sociedade...”, como forma de distinção. Suas produções musicais reconhecem essas particularidades locais como motivadoras dos discursos agressivos de que são acusados.

Esses jovens vêm demarcando o espaço público, criando novos significados, atraindo a atenção da população com protestos, cultura e lazer, desenvolvendo um trabalho que aponta para algumas de suas principais demandas, que têm a ver com políticas de reconhecimento e redistribuição – relacionadas às condições precárias da comunidade –, necessidades de educação, saúde, saneamento básico, trabalho e lazer, algumas delas muito mais ligadas à sua condição de jovens pobres, negros e à condição vitimizadora por residirem em locais segregados e marcados pelas altas taxas de criminalidade.

Jovens, em sua maioria negros, esbravejam slogans contra o racismo – “Sub-raça é a puta que o pariu!”⁸ – para expressar a revolta cultural contra o que eles identificam como “sistema”, enquanto o DJ, com a mão nos pickups, retira um scratch!⁹ Seguem-se gritos rápidos, em rimas esquálidas, pau puro contra o racismo, a violência, a polícia, os políticos, o diabo e o bom Deus. “Em Caruaru, o rap é a trilha sonora da galera de rua, maloqueiros que haviam adotado a rua como espaço de luta. Curtem o rap nacional. É aí que o hip-hop tem seu sentido, e é por isso que somos discriminados”.¹⁰

Como assinala Mano Brown, dos Racionais MC’s, “periferia é periferia em qualquer canto”. Esses jovens moradores de periferias urbanas que participam de grupos culturais entendem que esta é sua principal luta: enfrentar a questão cultural, compreendida do ponto de vista simbólico, embora para eles não seja apenas o simbólico que esteja em jogo, mas algo mais: o meio onde produzem sua sobrevivência econômica. Assim, a cultura aparece aí como mercadoria exposta no mercado de bens e capitais (BOURDIEU, 1999).

O hip-hop, compreendido como cultura de rua, representa, para esses jovens, a superação das situações de segregação social, porque eles são vistos como não tendo cultura, e essa realidade está associada, como já a demonstramos, a sua condição escolar, mas também às questões de ordem antropológica, isto é, étnico-raciais. Mediante a produção cultural, afirmada pelos quatro elementos do hip-hop – rap, grafite, DJ e break –, eles vislumbram uma independência econômica. Nesse ponto, a cultura é apresentada como meio, como mercadoria, como uma produção.

A cultura posta então como demanda atende a duas necessidades sociais desses jovens: reconhecimento e redistribuição. “Reconhecimento” liga-se à questão simbólica, que remete ao valor humano, o reconhecimento como pessoa e como membro de uma etnia, como ser de cultura. Mas, aí, também se insere a questão material, que tem a ver com a exclusão econômica, tanto pelo fato da negação de suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho como pelo tipo de oferta que lhes é feita nesse mesmo mercado. Isto é, atividades reconhecidas como subemprego, recusadas pelos jovens da classe média, os “boys”, como eles costumam afirmar. Segundo Nancy Fraser (2001, p. 248): “No mundo real, cultura e economia política estão sempre imbricadas, e virtualmente toda luta contra injustiça, quando corretamente entendida, implica demandas por redistribuição e reconhecimento”.

Trabalho de campo

Conheci os jovens membros da família MBJ em agosto de 2002, como deixo registrado em dissertação defendida no PPGA-UFPE, para obtenção do grau de Mestre em Antropologia. Aproximar-me dos hoppers foi consequência do trabalho em sala de aula numa escola pública, localizada no centro da cidade de Caruaru¹¹, que, pela condição privilegiada de sua localização, recebe alunos oriundos de todos os bairros populares, sobretudo os da proximidade do centro da cidade, como é o caso do Morro Bom Jesus e do bairro Centenário.

No colégio estadual, conheci um jovem estudante do ensino médio (Black-out)¹² que fazia parte da família MBJ, sendo ele, então, o responsável por minha aproximação tanto da realidade do Morro como do conhecimento sobre as atividades desenvolvidas pelo movimento hip-hop no Morro Bom Jesus e no bairro Centenário. Esse movimento tem sido reconhecido como cultura de rua por ter origens e desenvolvimento pontuados pelos embates e conflitos que se estabelecem na rua.¹³ Com

uma leitura crítica da realidade dos jovens dos guetos e favelas (WACQUANT, 2001, p. 111-130), os hoppers têm se constituído protagonistas do cotidiano nesse cenário social.

Na verdade, mesmo tendo concluído minha pesquisa de mestrado, não havia perdido a ligação com a família MBJ, pois seus membros são os sujeitos informantes de minha pesquisa no doutorado em Antropologia. Assim, quando recebi o convite do Ibase, vi aí a possibilidade de retomar anotações feitas como resultado dos contatos já estabelecidos e a oportunidade de poder empreender novos olhares sobre aquela realidade, buscando atualizar os dados já existentes.

Num primeiro momento, procurei retomar os contatos com os líderes da família MBJ para apresentar o projeto do Ibase e solicitar a contribuição deles a fim de se disporem a cooperar para o melhor êxito da pesquisa. Para tal empresa se prontificaram, uma vez reconhecida a sua importância para a construção de uma perspectiva verdadeiramente incluyente. Mais: isso deveria ter como base a criação de uma cidadania regional, capaz de garantir a universalização dos direitos dos jovens e a consolidação de uma integração cidadã dos povos da América do Sul. Deveria também ampliar o reconhecimento dos jovens e grupos juvenis como agentes decisivos no processo de integração dos povos sul-americanos.

Passada essa fase de reencontro, fixamos um calendário para realização das atividades necessárias à coleta de dados. No hip-hop, a experiência dos mais velhos no movimento facilmente contamina os mais novos. Eu mesmo tive de me afastar entre a pesquisa de campo do mestrado e a do doutorado, pois havia sido influenciado de tal forma pela relação estabelecida que às vezes tinha dificuldade de distinguir entre o que era a minha fala e o que era a fala dos meus informantes. Evidentemente, não estava agindo sob o efeito da “ilusão da objetividade”, como assinala Alvim (op. cit.):

Ao olhar o objeto de sua investigação como um conjunto de indivíduos, personagens a serem constituídos a partir de características coletivas, o pesquisador constrói o ponto de vista do outro a partir de suas próprias indignações morais. Esse é, portanto, o risco de se lidar com temas relacionados às chamadas questões sociais.

Todo fenômeno observado no campo implica um esforço que é ao mesmo tempo um risco, um desafio, quando nos propomos interpretá-lo. É um diálogo “entre a teoria acumulada da disciplina antropológica e a observação etnográfica”, como assinala Peirano (1985, p. 44). Isso resulta muitas vezes na conversão do pesquisador, como afirma Srinivas (apud PEIRANO, Id., p. 55): “Os antropólogos são thrice-born”, isto é, eles “deixam sua cultura nativa para estudar uma outra e, na volta, tendo se familiarizado com o exótico, tornam exótica sua cultura familiar, na qual sua identidade renasce”.

Sendo assim, mesmo correndo os riscos acima descritos, procurei estabelecer alguma forma de controle, para impedir que os jovens liderados fossem induzidos em suas respostas pelos líderes do movimento e, assim, pudessem comprometer os resultados. Desse modo, dividi as entrevistas em grupos distintos: líderes e liderados. Os próprios líderes foram abordados individualmente e em locais diferenciados. Quando a data disponibilizada pelos hoppers coincidia, solicitava que gravássemos a conversa em horário e local diferentes. Assim, eles poderiam ficar à vontade para expressar seus sentimentos em relação às ações da família e à atuação dos líderes. Ainda assim tive algumas dificuldades, pois falar é para esses jovens uma tarefa um tanto quanto difícil, mesmo tendo desenvolvido uma proximidade que inspirasse confiança. Eles trafegam entre a necessidade de falar, isto é, gritar contra as feridas geradas na luta pela vida, e o silêncio imposto pela arrogância do sistema. Daí porque, quando abordados, estão o tempo todo medindo as palavras, como a prever o mal que a palavra suscita.

Evidentemente, não podia, apesar do escasso tempo disponibilizado para pesquisa, concentrar a coleta de dados em uma única semana. Era necessário dar um descanso aos jovens e a mim, para a retomada de alguns pontos. Esse tempo, além do descanso, permitiu-me conferir as entrevistas e possibilitar a retomada das informações, reestruturando, agora, as questões para aferir maior confiabilidade. O recurso do gravador de voz, permitido pelos hoppers, foi uma peça fundamental para a retomada das questões e respostas desenvolvidas no campo por meus informantes.

Trabalhei com dois questionários, sendo um construído a partir das orientações fornecidas pelo Ibase, e um segundo, mais preso às sensações, fruto de minhas estadas anteriores no campo. Mesmo assim, não me restringi aos questionários previamente elaborados, no estilo fechado, mas procurei dar um caráter de abertura às entrevistas, possibilitando otimizar as falas dos meus informantes.

É preciso dizer, ainda, que algumas das informações coletadas surgiram ao sabor da espontaneidade dos informantes. É o que chamo de periferia da programação. Por exemplo: algumas anotações que pude realizar sobre considerações desenvolvidas por Nino (presidente da Associação Hip-Hop Família MBJ) e sobre questões do cotidiano dos hoppers foram necessárias para compreender o posicionamento dos jovens perante as questões formuladas. Algumas vezes mantinha o gravador ligado, mesmo quando a conversa não estava diretamente relacionada à pesquisa. É evidente que obtive permissão para assim agir, pois não era possível esconder dos meus informantes qualquer ação da minha parte. Procurei agir de forma a respeitar sempre o direito dos meus informantes, inclusive fazendo-os ouvir o que havia gravado.

Era preciso considerar todas as falas dos hoppers, pois qualquer coisa dita no campo, sobretudo naqueles momentos em que as relações fluem espontaneamente, pode esclarecer discursos e atitudes proferidas no ato das entrevistas. Daí porque pedi a permissão para manter o gravador ligado sempre que rolasse um papo, mesmo que não diretamente relacionado à pesquisa. A minha convivência com os hoppers, estabelecida no curso desses seis anos, tem me dado a condição de desfrutar a confiança deles, de tal modo que não sobra espaço para qualquer suspeita. Pelo contrário, há uma confiança bem estabelecida entre pesquisador e informantes. Por outro lado, tenho procurado agir pautado por uma ética, politicamente correta, respeitando meus informantes como sujeitos de direitos, acima de tudo.

Essa é a razão por que tenho submetido a eles todo trabalho escrito. Tenho mesmo disponibilizado as fitas gravadas para que possam autorizar a divulgação ou restringi-la, se for o caso. O presente relatório foi igualmente disponibilizado à apreciação dos meus informantes antes de ser enviado ao Ibase, para que eles pudessem fazer qualquer alteração que julgassem necessária.

Como afirma Zaluar (1986, p. 111), “na pesquisa etnográfica, faz-se necessário considerar não apenas a posição do pesquisador, mas também a do pesquisando. E mais, como este vê o pesquisador/observador. Como o pesquisador é de fato recebido pelo grupo?”. Evidentemente, nem tudo pode ser compreendido no campo. Não se pode assumir postura de erudito que quer desvendar todos os raciocínios. E aqui me valho de Geertz (1989, p. 30), que, referindo-se à atitude do pesquisador diante do campo, diz:

(...) o que inscrevemos (ou tentamos fazê-lo) não é discurso social bruto do qual não somos atores, não temos acesso direto a não ser marginalmente, ou muito especialmente, mas apenas àquela pequena parte dele que os nossos informantes nos podem levar a compreender. Isso não é tão fatal como soa, pois, na verdade, nem todos os cretenses são mentirosos, e não é necessário conhecer tudo para entender uma coisa. Todavia isso torna a visão da análise antropológica como manipulação conceptual dos fatos descobertos, uma reconstrução lógica de uma simples realidade, parecer um tanto incompleta.

E ainda, como a rebater os argumentos de que uma análise da realidade não possa ser considerada confiável por não se apegar a uma suposta objetividade, afirma:

Apresentar cristais simétricos de significado, purificados da complexidade material na qual foram localizados, e depois atribuir sua existência a princípios de ordem autógenos, atributos universais da mente humana ou vastos, a priori, Weltanschauungen, é pretender uma ciência que não existe e imaginar uma realidade que não pode ser encontrada. A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea.¹⁴

Histórico

A literatura sociológica mais recente tem tratado os movimentos sociais como “ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas de a população se organizar e expressar suas demandas”. Segundo Gohn (2003, p. 13-6), os movimentos sociais “representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas não como força-tarefa, de ordem numérica, mas como campo de atividades e de experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e

inovações socioculturais". As experiências, de que são portadores os movimentos sociais, segundo essa pesquisadora, recriam-se, cotidianamente, na adversidade de situações que enfrentam. A partir delas, constituem resistências às forças que os oprimem e potencializam fazeres positivos. Os movimentos sociais destacam-se como agentes sociais fundamentais na criação de identidades de grupos, antes dispersos e desorganizados, e, ao realizarem essas ações, "projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos de algo passam a sentir-se incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo".

O hip-hop engloba características de organização política, cultural e social, de modo que caberia bem concebê-lo como um "movimento", associando-lhe o adjetivo "social", como bem afirma Andrade (1996). Seguindo essa mesma orientação, Rocha, Domenich e Casseano (2001: 17, 8) afirmam: "Esse movimento social seria conduzido por uma ideologia de autovalorização da juventude de ascendência negra, por meio da recusa consciente de certos estigmas associados a essa juventude, imersa em uma situação de exclusão econômica, educacional e racial". É desse modo que temos concebido o hip-hop, como um movimento juvenil, aglutinador de demandas, que vão das questões culturais às de ordem socioeconômica. Dito de outra forma, o hip-hop se caracteriza como um movimento juvenil na luta por justiça social, compreendida, aqui, como política de reconhecimento com redistribuição.

Identificado por seus integrantes como cultura de rua, o hip-hop chama a atenção para a necessidade de valorizar a dimensão política e social da ação dos jovens da favela. É a ação política constituindo instrumento a serviço da transformação dessa realidade. Enquanto movimento social, constituem-se como atores históricos, dotados de uma missão transformadora da realidade social. Como assinala Burity (1999: 34, 7):

A expectativa de mudança total ou demarcação de um ponto de ruptura que instaure um "novo tempo" é, certamente, um dos mitos mais recorrentes que herdamos do imaginário social dos últimos duzentos anos. (...) a "Revolução" está no cerne desse legado discursivo. Ela aparece ou em seu próprio nome ou subjacente à concepção de mudança que pressupõe uma propensão natural, e geralmente ascendente, a uma instabilidade permanente na sociedade, seja devido a conflitos de interesses materiais, seja a reações contra a opressão e a dominação.

No hip-hop, tudo tem a ver com a afirmação de uma identidade esmagada pela exclusão social, que trafega da cultura para a economia, como mostram gráficos anexos sobre perfil econômico e cultural (escolar). Daí a preocupação desses jovens de ir buscar, no passado, as raízes culturais de uma convivência mais solidária; estabelecer o resgate dos heróis identificados com a luta das minorias étnicas. Eles não negam a importância do papel do Estado, mas reivindicam, para si, o controle da vida cotidiana. Lutam pela autonomia do indivíduo fora do âmbito da máquina estatal, pois reconhecem que as formas de as instituições sociais atuarem numa sociedade estratificada correspondem às estruturas de dominação, seja cultural, seja econômica. Possivelmente, aí está o fundamento do discurso desses jovens contra o que eles chamam de "sistema"¹⁵. Ainda assim, encaram o processo de mudança como uma tarefa histórica, cuja conquista se dá como resultado de uma transformação que se processa no mundo cultural e da ação política da sociedade organizada.

Essa mudança acontece como reação produzida pelo indivíduo que se põe aí como um dissidente em relação às formas de ação das instituições da sociedade. Essa dissidência é o ponto de partida da mudança.

Cada um tem que fazer sua correria e, na medida em que acredita em si mesmo, acredita também no outro. Eu faço a minha parte conforme acredito, e espero que cada um faça a sua, isto é, se tiver confiança no seu trabalho, não espere pelos outros. Desse modo a gente vai construindo a realidade e trazendo para o nosso lado aqueles que ainda não desenvolveram a esperança.¹⁶

Não acredito em mudança que venha como resultado da ação única dos partidos políticos. A política é uma forma de corrupção que não perdoa ninguém. Eu não apoio nenhum político, pois, mesmo que ele seja uma boa pessoa, acaba por se corromper, porque não existe poder político, estou falando da política dos partidos, que não seja à base de corrupção. O próprio fato de eles gastarem fortuna para se elegerem já é uma forma de corrupção. De onde vem esse dinheiro? No que eu acredito? Acredito no hip-hop, no meu trabalho. No poder da cultura! Vou combater o sistema enquanto ele existir. Eu sou o anti-sistema.¹⁷

Trabalhando a elevação da auto-estima e a confiança no espírito de luta da periferia, esses jovens apresentam-se como exemplo de luta e de resistência cultural e social. O discurso contra o que eles chamam de sistema reflete a consciência de que a problemática social não se restringe à favela, ela tem seu fundamento fora dali – o “efeito de lugar”, como assinala Bourdieu (2003, p. 159), ao afirmar que nem tudo que se vê no campo tem, ali mesmo, sua causa.

Nada mostra melhor que os guetos americanos, esses lugares abandonados, que se definem, fundamentalmente, por uma ausência – essencialmente a do Estado, e de tudo o que disso decorre: a política, a escola, as instituições de saúde, as associações etc.

O hip-hop significa, aí, a ação de um movimento social que deseja estabelecer um marco divisor na ausência de políticas públicas e na falência das instituições. Sua criticidade é implícita à dimensão cultural e social que o constitui. A leitura do mundo e a construção da consciência juvenil na periferia: eis o sentido cultural e histórico, mas também político, de sua ação.

No hip-hop, o cultural tem uma força política capaz de interferir na realidade social, constituindo, por assim dizer, sua essência. Política, história e cultura, produzindo a vida e fugindo da lógica da exclusão social, promovida pelo sistema. A cultura era um instrumento essencial na luta, numa sociedade que procurava, por todos os meios, negar a identidade do povo negro escravizado. Reconhecer sua identidade, suas origens e sua luta era o primeiro ato para a libertação. A história desses jovens começa com a negação de sua identidade e cultura. A eles foi relegada apenas a mão da escravidão, e ainda hoje é assim. O que sobra para eles são as mãos calçadas da construção civil, da limpeza urbana ou da enxada da agricultura. A recusa e a criminalização.¹⁸

Historicamente, o hip-hop é originário de uma época em que proliferam grandes discussões sobre direitos humanos, e, na ordem dos fatos, primeiramente nos guetos americanos, os marginalizados articulavam-se para fazer valer suas propostas e lutas sociais. Isso surge nos anos 60 (EUA)¹⁹, época de maior efervescência das questões sociais, envolvendo, sobretudo, as relações interétnicas, nos guetos nova-iorquinos, especificamente em 1968.²⁰ Esse período se destaca pelos embates sociais em defesa da cidadania e pelo surgimento de lideranças expressivas do movimento negro, tais como Martin Luther King, Malcolm X e grupos como os Panteras Negras.

Como movimento nacional, o hip-hop apresenta seus primeiros sinais no início da década de 80, por intermédio das equipes de baile, das revistas especializadas e de discos vendidos na Rua 24 de Maio (São Paulo). Os pioneiros do movimento, que inicialmente dançavam o break, foram Nelson Triunfo, depois Thaíde & DJ Hum, MC/DJ Jack, Os Metralhas, Racionais MC's, Os Jabaquara Breakers, Os Gêmeos e muitos outros. O primeiro registro fonográfico de rap nacional só veio a aparecer em 1988. Trata-se da coletânea Hip-Hop Cultura de Rua, pela gravadora Eldorado.²¹ O hip-hop é constituído, nesse cenário, pela criatividade juvenil, estabelecendo um estilo de vida ditado por jovens da “periferia”.²² É uma forma de expressão cultural que se constitui em movimento político.

O que esses jovens produzem, nas periferias do país, custa ser reconhecido como cultura, muitas vezes pelas condições em que são forjadas essas produções e por retratarem aspectos da vida que a sociedade deseja não revelar. Jovens negros falando de discriminação social, de crime e violência como efeitos colaterais do sistema. Esses jovens são obrigados a ter uma carreira a todo custo, para adquirir visibilidade e assim poder ser reconhecidos. Desse modo eles podem conquistar um contrato com alguma empresa fonográfica, possibilitando a construção de sua independência econômica. Embora a perspectiva política desses jovens aponte para um processo que vai além da mera realização pessoal, mas coletiva, quase sempre são impossibilitados de fazer alguma coisa por sua comunidade se não conquistarem uma carreira pessoal ou a projeção de um trabalho de sua banda. É a lógica do capital prevalecendo sobre o social.

Foi assim com Racionais MC's, no Capão Redondo, com MV Bill, na Cidade de Deus, e tem sido com tantos outros espalhados pelo país. Com a ascensão política de alguns governos de esquerda, como o de Luiza Erundina, em São Paulo, e a própria eleição de Lula para presidente da República, as demandas sociais da periferia, bandeiras de luta do movimento hip-hop, foram incorporadas como políticas de juventude, como assinala a revista Rap Brasil n.º 23, ano IV (2004). Nela, o presidente Lula aparece cercado pelos ídolos nacionais do hip-hop, assumindo compromisso com a periferia.

Em nível local, a lógica do sucesso pessoal ainda prevalece como instância necessária à luta pelo reconhecimento e por redistribuição. Primeiramente, porque esses jovens precisam adquirir um grau de visibilidade que os projete para fora de sua comunidade, cidade e estado, para então serem ouvidos quanto às suas demandas locais. Embora os jovens da família MBJ tenham conquistado alguns espaços para discutir suas pautas de reivindicações, não têm, por outro lado, conquistado êxito em transformar suas demandas em políticas públicas, e isso se dá pela forma clientelista como a política, nesses grotões, é vivenciada. Assim, o assédio político tem sido grande, de todos os setores políticos, interessados em usá-los como massa de manobra, buscando cooptá-los para suas legiões.

Serem reconhecidos como jovens de direito, terem acesso a uma educação escolar de qualidade, que lhes garanta a inserção no mundo do trabalho, serem reconhecidos como possuidores de cultura distinta ainda constituem desafios aos jovens do Morro Bom Jesus – uma maioria reconhecidamente descendente de afro-brasileiros, fora do processo da produção social e da escola, como está claro no gráfico anexo.²³

Caracterização da situação-tipo²⁴

À medida que iniciamos nossa busca tentando compreender como esses jovens trabalhavam suas demandas, algumas questões foram surgindo e apontando para a necessidade de objetivar, da melhor forma possível, as informações coletadas. Isso me obrigou a retornar várias vezes ao campo, tanto para esclarecer algumas dúvidas como para posicionar outras questões mais esclarecedoras. As respostas às questões foram organizadas nos quadros que se seguem. Em todos eles, as opções de respostas estavam configuradas em duas modalidades, sendo, no primeiro quadro, sim e não.

O QUE SIGNIFICA SER JOVEM PERIFÉRICO	Sim	Não
1. Acreditar no seu potencial	90,1%	9,9%
2. Não pensar no amanhã	49,3%	50,7%
3. Não ter oportunidades	63,4%	36,6%
4. Só pensar em lazer e entretenimento	3,3%	96,7%
5. Estudar, adquirir conhecimentos para a vida	53,3%	46,7%
6. Ter liberdade	83,4%	16,6%
7. Poder trabalhar	53,4%	46,6%
8. Desenvolver amizade	93,4%	6,6%
9. Ter saúde/disposição física	90,1%	9,9%
10. Desfrutar o apoio familiar	50,1%	49,9%
11. Ter tempo para se dedicar aos objetivos	33,4%	66,6%
12. Ter independência financeira	13,3%	86,7%
13. Não ser respeitado socialmente	90,1%	9,9%
14. Não ter nada de bom	2,3%	97,7%
15. Tudo estar bom	2,6%	97,4%
16. Estar preocupado com o futuro	96,7%	3,3%
17. Aproveitar a vida com responsabilidade	96,7%	3,3%
18. Não contar com a família para ajudá-lo na vida	50,1%	49,9%

19.	Saber ouvir os conselhos dos mais velhos	100%	-
20.	Trabalhar duro, desde cedo, para sobreviver	100%	-
21.	Valorizar as oportunidades que aparecem	100%	-
22.	Estar atento aos perigos da vida	100%	-

À proporção que fui colhendo as respostas apresentadas pelos jovens, alguns deles diziam que responder simplesmente sim ou não nem sempre refletia o que na verdade eles estavam querendo dizer. Por isso, pedi que comentassem as respostas quando assim achassem conveniente. Informei-os, no entanto, que necessitava gravar as explicações oferecidas, para poder aproveitar melhor. Ao que eles consentiram. Nos quadros seguintes, procurei oferecer outra forma de resposta não necessariamente sim ou não, para que eles pudessem posicionar-se melhor.

Assim, por exemplo, sobre o alto índice que aparece na “negação” da segunda questão, alguns jovens afirmavam que, muitas vezes, já que o caminho encontrado para afirmação econômica tinha sido o “crime”, eles não agiam pensando no amanhã. Por outro lado, eles faziam a seguinte ressalva aos jovens que cresciam no movimento hip-hop, ou que a ele haviam se integrado: “É nossa preocupação fazer o jovem pensar e agir sem perder de vista o fato de que o amanhã é o que se planta hoje, como diz Ed-Rock” (uma alusão aos Racionais MC’s). Em relação ao item três, eles afirmavam que, graças às atividades desenvolvidas pelo movimento hip-hop, alguns encontram oportunidades, que nem sempre são aproveitadas porque o sucesso do jovem na periferia depende muito da ajuda que recebe e às vezes os companheiros não estão em condições de ajudar.

Hoje estive no Morro, logo cedo, pois precisava encontrar alguns jovens que trabalham a semana inteira na “feira da sulanca” e só dispunham do domingo para falar comigo. Um deles trabalha para uma confecção que usa mão-de-obra terceirizada para desenvolver alguns trabalhos de acabamento. Esse jovem, por exemplo, dizia para mim que, se dispusesse de recurso, investiria no ramo da confecção, mas pelo fato de não dispor desses recursos tem que trabalhar duro, até no domingo, às vezes para poder manter a família. Pedi-lhe que, após a conversa, acompanhasse-me até a casa de outro jovem, Black-out, pois queria pegar algumas informações. Chegando à casa de Black-out, ele nos mandou entrar e dirigiu-se ao seu quarto, de onde trouxe uma caixa enorme cheia de camisetas e bermudas com logotipos de bandas de rap do Sudeste do país e outra caixa cheia de CDs e DVDs. Tão logo sentamos, ele foi mostrando o material e nos oferecendo à venda. Perguntei como ele fizera para adquirir aquela mercadoria. Ao que ele me respondeu que tinha estabelecido contatos com produtoras de rappers do Sudeste, de onde vinham aquelas mercadorias. Black-out fora ao Sudeste do país em uma viagem com os membros da sua banda de rap do Morro Bom Jesus, DJ Nino e MC Suspeito. Posteriormente, fora a Brasília (DF) para produzir o primeiro CD da banda Consciência Nordestina, com Marola (produtor de rap do Distrito Federal) e, nessa viagem, agendara com grifes do hip-hop e com algumas bandas do DF o envio dessas mercadorias. Foram esses contatos diretos que lhe permitiram estabelecer um vínculo comercial. Ele me disse que seu sonho é abrir uma loja para negociar produtos diretamente do Sudeste. Nesse mesmo dia em que conversava com Black-out sobre o investimento que estava iniciando, percebi que ele passou uma dica para um dos companheiros que se encontrava ali conosco. Dizia ele para o jovem ED (banda Calibre da Morte, do Morro Bom Jesus): “Aê, doido! Tu podias fazer umas paradas dessas!”. Ele se referia a uma camisa estampada com o nome de uma banda do Sudeste do país, Facção Central. O que ele estava sugerindo era que Ed, por trabalhar com estamperia, podia fazer umas camisas com o logotipo de sua banda e de outras do Morro para vender. Ed logo afirmava positivo para Black-out. ED me disse nesse dia que seu patrão estava interessado em produzir o CD de sua banda de rap. Então, concluí que esses jovens estão começando a dar-se conta de um mercado onde poderão afirmar-se economicamente. (Diário de Campo, 15/7/2007)

Essas são oportunidades que nem todos possuem, embora façam parte do mesmo movimento. Mas aqueles que as encontram, logo se agarram a elas, como um filhote de gorila à sua mãe. No contexto existencial desses jovens, cada dia é vivido com o máximo de atenção. Os estímulos oferecidos pela vida cotidiana podem se tornar armadilhas que comprometerão toda a vida. Por isso, eles necessitam estar atentos para não cair em “parada errada”.²⁵ “Ser jovem é aprender a tirar proveito da vida, é estar pronto para o futuro, não se envolver em parada errada.”²⁶

Ser jovem, numa sociedade como a nossa, estou falando de Caruaru, é correr riscos, porque o jovem é uma metamorfose, ele está sempre mudando, e a sociedade não entende, e, por não entender, discrimina. Uma vez eu fui chamado pelo Major (Nino se refere ao Comandante do Batalhão de Polícia Militar local) para uma reunião. A reunião era entre ele, o bispo, o prefeito e alguns secretários municipais de Caruaru. Aí ele me disse: “Nino, agora ponha uma calça comprida”, ele dizia isso porque eu só ando assim, de bermudão. Ele não entende que esse é o meu jeito. E eu não vou do jeito deles. Eu fui como eu sou mesmo. Às vezes, eu sou visto pela sociedade como um ladrão; outras,

como um artista, né? Eu me sinto como um estranho nessa sociedade, porque ela me vê como um perigo para ela, quando eu não sou um perigo! Então, ser jovem nessa sociedade é problema, pois as pessoas não querem respeitar a gente pelo que a gente é. Eles não entendem o jovem e por isso querem que ele seja aquilo que eles querem, mas a gente quer escolher ser o que a gente quer. Uma coisa que eu digo sempre é que você tem que ser original. Não queira copiar os outros. Principalmente aqui na periferia. Eu observo, às vezes, que existem caras aqui que vêem os “boys” e querem copiar o estilo deles. Eu fico puto com isso. Cara, não vê que não pode ser o que não pode! Aí é treta! Vai se foder! Não dá! Você tem que ser aquilo que você é! É por isso que muitas vezes você vê o cara entrando na malandragem, por quê? Quer ser o que não pode! Às vezes, fica dizendo que é isso ou aquilo, quando na verdade não é nada! “Eu moro ali! Eu estudo acolá! Eu tenho isso ou aquilo!” Porra!!! Essas coisas que o jovem gosta muito de inventar. Ele tá dormindo e nem acordou, já quer que o sonho se realize. Não, você tem que ser aquilo que você é! (DJ Nino – Entrevista, 23/6/2007)

Eles percebem a existência dos conflitos sociais e os deixam evidentes no seu “rhythm and poetry”, como uma situação cultural, étnica, sempre associada à sua condição de excluídos socialmente, visto que esse conflito abarca todas as dimensões da vida cotidiana e está presente no próprio seio da favela.²⁷ Do modo particular como cada um, individualmente, ou mesmo o grupo agem em sua comunidade, esperam estar contribuindo, de uma forma ou de outra, como exemplo a ser seguido. É o que se pode observar nas palavras de Dexter à revista Rap Brasil.²⁸ Falando sobre o hip-hop, ele afirma acreditar poder “auxiliar na transformação da juventude, que está seguindo pelo caminho da criminalidade”.

O não-entendimento, permeado de preconceito contra os jovens e suas performances, constitui elemento muito presente na crítica que eles produzem em relação à escola. Todavia, isso não quer dizer que ignorem a importância do conhecimento escolar como processo de afirmação pessoal e da cidadania (item 5 da tabela acima). Aliás, eles têm dito que o conhecimento é o quinto elemento no hip-hop.

No dia 14/7/2007, estive na casa de JC, da banda Juventude Sangrenta, do Morro Bom Jesus, por volta das 14 horas, por necessitar conversar com um membro da banda Voz do Morro. Naquela ocasião, JC pediu à sua própria irmã para ir à casa de Cuca (Jonas), vocalista da VDM, porque eu precisava falar com ele. Depois de conversarmos sobre as questões da pesquisa, Cuca me perguntou se era possível conseguir para ele uma fonte bibliográfica que possibilitasse uma consulta mais aprofundada sobre a história das civilizações. Razão: ele estava pensando em construir um novo rap e precisava de elementos mais substanciais para enriquecer a sua composição. Naquele momento, ele fez um comentário sobre uma banda de rap do Sudeste, muito apreciada no Morro Bom Jesus, a Fação Central. Dizia Cuca: “Você já escutou o novo CD da Fação Central? O rap fala da realidade local deles, mas eles usam um conhecimento tão desenvolvido que às vezes é preciso estar com o dicionário para entender. Isso é bom! Isso mostra que os rappers são intelectuais também! Conclui” (Ver Diário de Campo, 14/7/2007).

Os rappers estão se dando conta da importância do conhecimento como instrumento de afirmação social. Infelizmente, eles reconhecem que quem poderia ajudá-los, a escola, não cumpre seu papel como deveria.

O item 7, quando comparado ao 3, apresenta certa coerência, uma vez que retrata um equilíbrio nas respostas. O 3, tratando de oportunidade, revela um índice de 63,4% dos jovens afirmando as oportunidades que lhes aparecem, enquanto o 7 equilibra a relação entre “poder” e “não poder” trabalhar; respectivamente, 53,4% e 46,6 %. Os jovens afirmam que o grande entrave ainda está no preconceito que pesa sobre eles por causa de suas origens étnicas e também por residirem em locais estigmatizados. Ou seja, existem as oportunidades, mas elas logo são suprimidas pelo preconceito cultural/simbólico. Pobres que residem em outros bairros que não favelas, segundo esses jovens, possuem mais chances de poder trabalhar. A positividade, para os jovens da favela, vem do fato de o hip-hop estar na moda. Isto é, em ascensão na televisão. Como atesta depoimento registrado em minhas anotações:

Agora tem aumentado muito o interesse em divulgar o hip-hop, não é? A televisão, o rádio, os jornais, toda mídia tem demonstrado muito interesse em divulgar o hip-hop, a juventude etc. aqui em Caruaru, e acho que em outras cidades deve ser assim também. Em Caruaru, tem-se desenvolvido o hábito de divulgar as pessoas quando elas se tornam famosas lá fora, ou quando elas participam de um evento que é moda. Então, é o que está acontecendo com o hip-hop. A Rede Globo, mas não só ela, tem divulgado trabalho dos rappers nacionais como MV Bill, Rappin’ Hood, Marcelo D2 e outros. Até mesmo o aparecimento do rap americano na televisão tem aumentado. Então, aqui a televisão quer fazer o mesmo e aí eles têm nos procurado. Daí ter havido essa procura por parte de algumas empresas, que querem divulgar seus produtos e, como a gente é moda agora, então eles nos procuram para ser garoto-propaganda deles. Com relação a isso, não existe aqui uma posição comum. Alguns acham que a gente deve fazer, outros acham que não. Mas a gente deixa muito à vontade. Se eles

vão ganhar dinheiro, e todos nós precisamos de dinheiro para sobreviver, então que vão e façam o trampo, ganhem seu dinheiro e sejam felizes. A gente procura não criticar, apenas adverte para não envolver o nome da família nessas paradas. Acho que é preciso ter mais respeito nessa relação. Não é eles olharem para nós apenas como garotos- propaganda ou como mercadoria no mercado. Se eles reconhecem que a gente tem talento, então que cheguem e digam: “Olha, a gente tá vendo que vocês são capazes e a gente quer divulgar o trabalho de vocês”, mas não, eles só querem explorar a gente e dar migalhas pelo trabalho da gente. Então, falta mais respeito e oportunidade para a gente mostrar o trabalho da gente. (Suspeito – Entrevista, 18/6/2007)

Outros dois itens que mereceram as considerações dos jovens foram o 10 e o 18. Ambos tratam da possibilidade de o jovem poder “contar com a família para ajudá-lo na vida”. Há apenas uma pequena diferenciação na forma como eles foram apresentados, mas o conteúdo é o mesmo. Não houve, de nossa parte, qualquer intenção em verificar alguma contradição nos depoimentos dos jovens. Os itens foram repetidos por acaso; diria que por falta de atenção minha mesmo. Mas é interessante perceber a coincidência, pois, embora eles estivessem um pouco distantes na ordem numérica das questões, refletiram um equilíbrio e uma coincidência de resultados (50,1% e 49,9 %, respectivamente).

O fato de terem se repetido e a coincidência de resultados chamaram-me a atenção, o que me levou a indagar os jovens sobre o conteúdo das questões. Para eles, não é que a família não queira dar apoio aos seus filhos. Aqui, sobrepõem-se conteúdos relacionados tanto às possibilidades de acompanhamento do crescimento dos filhos como conteúdos relacionados às formas como os indivíduos adultos incorporam o imaginário social hegemônico sobre o futuro dos jovens (conforme registro no Diário de Campo, 23/7/2007):

Eu estou há seis anos na correria com a família MBJ. Mas eu, como uma geração mais nova na família, posso dizer que já fui uma cria da família. Eu sempre ouvia as bandas se apresentarem nas praças e foi aquilo que foi me dando coragem de chegar junto e hoje faço parte da família, na banda Calibre da Morte. No início foi difícil, porque minha família tinha muitos preconceitos com os jovens do Morro que faziam rap, e também porque minha mãe sempre achava que essa coisa de rap não dava dinheiro. Ela achava que eu devia era procurar um emprego. Mas à medida que eles foram vendo o trabalho da família MBJ, então as barreiras foram sendo quebradas e eu acabei formando minha banda com outros companheiros mais novos. Acompanho a família desde 2001 e tem sido gratificante pra mim. (MC ED – Entrevista, 23/6/2007)

Não é que os nossos pais não queiram nos dar apoio, é que eles não têm nem para manter a casa! Daí a gente ter que trabalhar duro desde cedo para ajudar nossos pais a manter a família. (Preto RF – Entrevista, 13/7/2007)

O quadro a seguir também traz algumas questões que nos deixam apreensivos. Por exemplo, descrença nos governantes. Observei um pequeno índice relativo ao quantitativo dos jovens da MBJ sobre a preocupação com esse tema. Eles apresentaram alto índice de preocupação apenas na segunda menção. Ao serem indagados, percebi um posicionamento apático quanto à participação na vida política nos três níveis, municipal, estadual e nacional. Todavia, a escuta desses jovens revelava que eles não se desconheciam como seres políticos, assim como não desconhecem que fazem política no hip-hop.

O que eles dizem é que não acreditam em mudança social vinda da parte do poder político institucional. Para eles, os políticos são eleitos prometendo cuidar do patrimônio público apenas para se beneficiarem disso. As falas dos jovens revelam elementos dignos de apreensão:

Veja bem, não é que eu não me preocupe com o que está acontecendo na política de forma geral. Eu não posso dizer que não sou político, pois o hip-hop é um movimento político. Eu também não estou dizendo que o que os políticos fazem aqui no município ou lá em Brasília não afete a vida de todos nós. Mas o que eu quero dizer é que FHC era presidente e eu, favelado. Hoje, Lula está no seu segundo mandato, e eu continuo da mesma forma, um favelado. Não estou falando de mim apenas, JC, mas de muitos outros JCs da vida. É por isso que a gente vai percebendo que se eu, JC, não fizer alguma coisa por mim mesmo, não adianta nada. É por isso que muitos jovens da periferia entram no mundo do crime. Veja só: em 2005, eu fui preso, tinha me envolvido numa treta e fui pego, passei dois anos no presídio. Era para passar apenas seis meses, mas fiquei dois anos e acabei saindo de lá com uma tuberculose, da qual estou me tratando. Alguns dos meus parceiros de hip-hop que ficaram aqui caíram em tretas também e estão enjaulados. O que mudou? Nada! É disso que eu estou falando. Não vai haver revolução nenhuma com esses políticos que estão no poder! Sejam de esquerda, e muito menos de direita. (JC – Entrevista, 14/7/2007)

Eu acho que isso vai muito de situação. Dentro de São Paulo, os rappers já fizeram campanha política para partidos políticos; aqui, a gente já fez também. É o seguinte: política e hip-hop podem andar... O hip-hop não deixa de ter sua política porque, enquanto movimento orga-

nizado, é um movimento político. Tá entendendo? Só que a política dos barões caminha lado a lado no seguinte ponto, a gente não pode permitir-se ser usado. E sim contar com forças políticas que tenham alguma intenção de ajudar o movimento hip-hop. Que no caso de Caruaru, isso acontece. O movimento hip-hop aqui tem alguns apoios do poder político do município, tá entendendo? A partir do ponto que seja pra fazer caminhar o hip-hop, é válido. Por isso é que a gente tem estado atento, para não cair na armadilha da política partidária, mas é daquele jeito, porque ela caminha com o hip-hop, mas é preciso saber o que ela quer e qual vertente ela defende, tá entendendo? (MC Black-out – Entrevista, 19/6/2007)

Na família MBJ ninguém discrimina ninguém pela sua religiosidade, ou ideologia. Basta já a discriminação que você sofre na sociedade. Quanto à política, a gente deixa muito à vontade para que cada um tome a decisão que achar melhor. A gente tem o lema de que nosso partido é a periferia. Agora, a gente orienta para que nenhum membro da família apareça em propaganda de partido falando em nome da família. Muito menos pedindo voto para esse ou aquele político. A família não tem partido que não seja a periferia. Cada um tem a sua consciência, eu apoio quem apoiar a periferia. Os políticos só querem tirar da gente e a gente não vai permitir qualquer tipo de exploração. A gente até gostaria de participar mais da vida política, tanto local como nacional, estou falando de política no sentido do poder, os partidos políticos. Mas a gente sabe do risco que corre, pois os políticos querem que a gente se filie a eles, seus partidos, que se torne cabo eleitoral, e do jeito que as coisas andam na política brasileira não dá. Nossa participação política se dá mesmo é nas letras de rap, quando a gente fala da realidade social e do descaso do poder político em relação à vida na favela. Essa podridão que está aí. Então a gente acaba discutindo política chamando a atenção da molecada quanto à necessidade de não se deixar enganar. Aqui na realidade da gente é muito perigoso ter uma vida política mais ativa, porque você acaba sendo confundido com um cabo eleitoral. Essa é a forma como a favela é vista pelos políticos. Se você não se manifesta, por outro lado, você acaba tendo mais dificuldade para conseguir as coisas, e a situação da favela não é nada boa, então muitos acabam se entregando aos políticos. Mas a gente tem tido o cuidado de não vincular nossa atuação e posição política ao movimento. Quem quiser participar é livre, só não pode falar em público em nome da família. A política influi muito na vida da juventude como um todo, mas o que a gente diz aqui é que você não deve se entregar aos políticos, se não você acaba presa deles. Então, se não se envolver, você vai estar sempre em liberdade para agir como cidadão. Você sabe que o que eles fazem lá na Câmara ou na Assembléia Legislativa, tudo isso acaba em você, por isso você precisa ter independência para poder dizer sim ou não a qualquer um. (MC Suspeito – Entrevista, 18/6/2007)

A mesma coisa acontece com os políticos, eles chegam aqui com o discurso de que querem mudar a realidade, mas na verdade o que eles querem é usar a família para promover-se, fazer ibope político pra eles. Um dia o pessoal do partido do prefeito nos procurou, porque o prefeito tem atendido algumas das nossas reivindicações, como a construção da escola Dom. Soares Costa, no Morro, e nos cedeu o espaço para reuniões da família, uma antiga casa no Morro, aí eles acham que a gente vai fazer politicagem pra eles. Então eles disseram que queriam gravar umas imagens do projeto da família. Então procurei saber do que se tratava e fui logo dizendo que a gente não faz propaganda para político nenhum. Eles disseram que não era para político e que a intenção era mostrar o que tem sido feito no Morro pelo movimento hip-hop e o apoio que a administração municipal tem dado. A gente achou que isso seria importante, pois divulgaria o nosso trabalho, era importante até mesmo pra divulgar o projeto da família. A gente concordou desde que não aparecesse nenhum político, nem que se falasse em nome de qualquer político, mesmo que fosse o prefeito. Quando a gente começou as gravações, aí eles chegam dizendo o que a gente tinha que falar. Aí eu disse “péra aí”! Você quer me ensinar a dizer as coisas que têm que ser ditas sobre o trabalho da gente? Sobre a família, quem entende somos nós, que somos do hip-hop. Então, quem vai definir o que será dito somos nós. Foi aí que eu percebi que a intenção era outra e aí fizemos resistência e eles acabaram aceitando a nossa posição. E a gente fez o bagulho. Passamos um dia todo gravando isso. (DJ Nino – Coordenador da Família MBJ – Entrevista, 19/6/2007)

Lembro que, em outra ocasião, quando falávamos sobre política, queria saber como eles avaliavam a conjuntura política e, mais que isso, como eles viam o fato de jovens da favela, que reclamavam da ausência de políticas públicas na favela, estarem divididos fazendo campanha política para os mais diversos candidatos. Um jovem começou a falar:

“Eu já fiz campanha para muitos candidatos, mas não votei em nenhum deles, pois não acredito neles, pois eles só fazem prometer. Mas como eu precisava do dinheiro para sobreviver, eu precisava me alimentar, comprar algumas coisas, então tive que trabalhar para um deles...” Nem havia acabado de falar, quando outro o interrompeu, dizendo: “Pra você ver como é a situação aqui da periferia, todos trabalham por certos favores, é como diz GOG – citando um rapper do Distrito Federal – ‘o que me dói mais é ver meu povo caindo na cilada, trabalhando em campanhas milionárias por migalhas’”. Como se pode perceber, de certo modo, está, aí, presente um embate social de classe. (Fragmento de Diário de Campo – 10/10/2004)

Como assinalam os jovens da Família Morro Bom Jesus, o assédio político tem vindo de todos os lados. A pressão para que eles se posicionem vem sempre relacionada a necessidades básicas dessa população. Mas eles têm resistido, alegando que o que eles querem não é nada mais do que ser reconhecidos como sujeitos de direito, como cidadãos que são.

A gente está entre fogo cruzado, de um lado os políticos que apóiam o prefeito reclamam por não nos definirmos politicamente em defesa da administração do prefeito. De outro, a oposição, ligada aos partidos de esquerda, levanta o discurso de que somos movimento

social excluído e que devemos estar do lado da esquerda. O que não aceitamos é que os nossos direitos sejam manipulados como se fossem mercadoria negociada no mercado das eleições. Nós temos dito que nosso partido é o Morro Bom Jesus. Temos trabalhado com os jovens do Morro no sentido de que eles são livres e que a família MBJ não tem partido político. (DJ Nino – Líder da Família MBJ – Entrevista, 19/6/2007).

Embora entenda que não seja possível viver sem a política, pois estar discutindo aqui sobre o destino do hip-hop já é política. Quando se trata da política partidária, entendo o hip-hop pela sua atuação na periferia. O lado social mais pobre da sociedade é muito procurado para apoiar os políticos. Eu entendo que hip-hop e política não devem andar juntos. Nós somos um movimento social e é assim que devemos continuar. Meu partido é o Morro Bom Jesus, a periferia. Estarei com quem estiver com o Morro. Mas deixo que cada um dos moradores do Morro escolha por si mesmo o que achar melhor. Cada um é responsável pela escolha que faz. Se eu escolho o caminho da criminalidade, da vida bandida, do tráfico, eu não posso afirmar que fui levado ou obrigado por alguém a fazer essa escolha. Por ela, só cabe a mim mesmo responder. (MC Suspeito – Líder na MBJ – Entrevista, 18/6/2007)

“Cada um é cada um.” Essa é uma expressão muito presente nas conversas de roda. Parece não haver preocupação com a manutenção de uma uniformidade de discurso ou ação nesse mundo de becos e vielas intermináveis, de fatos inusitados e escassez de quase tudo. Como afirma DJ Nino: “Aqui há uma estrutura desestruturada...”²⁹. Na favela, cada jovem tem de encontrar uma forma de sobrevivência e será respeitado pelas escolhas que tiver feito, pois ele é único em suas escolhas.

Às vezes eu escuto acusarem o rappers de dar maus exemplos ou incentivar a violência nas letras pesadas. Ora, as pessoas falam em disposição interior para fazer o bem, e por que não falam em disposição interior para fazer o mal também? Se você faz o mal, faz por que escolheu fazer, não foi por influência. Assim é no crime, você sabe dos perigos, aonde você vai chegar e ainda assim você escolhe esse caminho, então culpe a você mesmo. Se tivesse que culpar alguém pelas escolhas erradas que, por acaso, tivesse feito na vida, esse alguém seria eu mesmo. É claro que o sistema, a ganância dos ricos, que não deixam alternativa ao povo da periferia, são os grandes culpados, mas eu posso me posicionar contra tudo isso, que é o que faço. Nós do hip-hop procuramos alertar os jovens dos perigos da vida bandida, mas cada um é livre para escolher os caminhos que quer. No rap, a gente mostra esses dois lados da vida. Tínhamos um parceiro (irmão J), que colava com a gente e trocava muitas idéias, mas acabou na vida do crime. A gente o alertou, mas ele achava que não ia acontecer com ele, e aí? Que Deus o tenha e dê a ele um bom lugar. (Suspeito – Entrevista, 22/6/2007)

Essa assunção da responsabilidade individual da escolha que cada um faz está retratada na desterritorialidade estabelecida pelo fluxo da vida na favela, como acentua Adad (2002, p. 65-73). Em seu estudo sobre corpo e movimento, diz ela: “Há, pois, uma circulação desses jovens, expressa na instabilidade da desterritorialização e do reagrupamento contínuo, que se poderia chamar de estratégia de rua, características dos bandos nômades, evidenciadas nas suas ações informais. Eles não sabem informar, quando solicitados, sobre o paradeiro dos outros”. Mas eles não são vagabundos, no sentido negativo dessa palavra.

Aqui na periferia, a gente procura passar a idéia de que ser jovem é saber curtir a vida sem se envolver com a marginalidade. O jovem periférico não está preso à sua quebrada, ele está sempre circulando por todos os espaços da cidade; aí, ele está sempre observando as coisas, aprendendo com elas e se inspirando nelas. Ele tem inteligência e a vida é sua escola. Ele quer se divertir, mas está aprendendo com tudo o que está ao seu redor. (DJ Nino – Entrevista, 29/6/2004)

Essa fala de DJ Nino, proferida no campo, em 2004, está refletida no quadro estatístico que apresentamos acima, sobretudo nos itens 17 e 22, em que os índices atestam uma quase unanimidade (96,7% e 100%, respectivamente), sobre “Aproveitar a vida com responsabilidade” e “Estar atento aos perigos da vida”. É difícil não admitir que parte desses jovens não tenha passado por algum tipo de envolvimento com a criminalidade, mas é igualmente difícil aceitar que o simples fato de residirem em comunidades reconhecidas como favelas seja o suficiente para serem rotulados como “bandidos” ou “criminosos”. É essa visibilidade negativa que eles querem anular. Assim, ao mesmo tempo que fixam como principal demanda o reconhecimento como pessoas, cidadãos, eles lutam, também, pela oportunidade de serem aceitos como seres de cultura.

Neste segundo quadro, modifiquei as opções de respostas não mais apresentadas como sim e não, mas como primeira e segunda opção, seguida da possibilidade de esclarecimento para as respostas àqueles jovens, caso julgasse necessário, ou quando eu precisasse de algum esclarecimento.

QUESTÕES QUE MAIS PREOCUPAM

OS JOVENS PERIFÉRICOS	1.ª Opção	2.ª Opção
Desrespeito às expressões culturais do jovem periférico	90,1%	9,9%
Preconceito social, econômico e cultural/racial	90,1%	9,9%
Descrença nos governantes	16,6%	83,4%
Ética e compromisso social	96,7%	3,3%
Drogas/violência	96,7%	3,3%
As ofertas do crime	83,4%	16,6%
Desigualdade e pobreza	90,1%	9,9%
Fome/miséria	90,1%	9,9%
Futuro do jovem	83,4%	16,6%
Reforma agrária	86,7%	13,3%
Educação profissional/inclusiva	90,1%	9,9%
Cidadania e direitos humanos	96,7%	3,3%
Sexualidade do jovem	93,4%	6,6%
Desemprego/falta de renda	96,7%	3,3%

Esses jovens estão preocupados com o futuro e sabem que, num mundo onde as estatísticas estão contra eles, não se pode descuidar jamais. Eles sonham com um futuro melhor e sabem que esse sonho está indissociavelmente ligado ao presente. “Ser jovem é estar de olhos no futuro, é viver com criatividade, não desandar, ser verdadeiro e consciente.”³⁰ A manifestação do desejo em ascender socialmente torna-se muitas vezes um conflito em virtude da forma como os adultos, sobretudo aqueles mais próximos, como os pais, os indagam sobre o futuro. Evidentemente, esses confrontos são decorrentes da forma como o sistema estruturou o modelo ideal de sucesso, e as expectativas de seus familiares são produzidas nesses embates com o sistema. Mas o futuro, embora numa perspectiva negativa, ou pelo avesso, também está presente nas ofertas constantes feitas pelo traficante para atender suas demandas.³¹ São propostas de sucesso fácil que lhes são apresentadas pelo mundo do crime.

Minha mãe muitas vezes me pergunta sobre o que eu tenho ganhado com o rap. Ela não entende que eu faço rap porque eu gosto e não porque eu queira ganhar alguma coisa. Eu sonho um dia ser rapper famoso e ganhar dinheiro e ajudar as pessoas na minha quebrada, fazendo rap, mas não é isso que me estimula a continuar no movimento, nem a fazer rap. O rap é uma maneira de me expressar, de dizer aos outros como eu vejo o mundo, e não se faz isso para ficar rico, se faz isso porque essa é a vida. Ganhar a vida é a nossa proposta. Se der pra ganhar mais, tudo bem! Mas eu não quero ficar rico! Eu não quero ser milionário, pra que isso, cara? Não! É por isso que o mundo é essa doideira toda, essa paranóia! Porque as pessoas não se contentam, elas querem sempre mais. (JC – Entrevista, 15/7/2007)

Esses jovens estão o tempo todo sendo bombardeados pelo modelo de sucesso vinculado ao consumo, à submissão e ao trabalho explorado. E, pelo fato de não terem concluído seus estudos escolares, eles são constantemente pressionados a aceitar as condições impostas pelas relações de exploração do mercado de trabalho. Suas atividades culturais e artísticas não são reconhecidas como laboriosas. E quando rejeitam as oportunidades que lhes são oferecidas, acabam sendo foco de interpretações preconceituosas, que insistem em não reconhecer seus valores culturais. Daí eles falarem do seu envolvimento na cultura hip-hop como uma forma de profissionalização.

Eu não gostaria de ter um emprego onde eu tivesse que fazer aquilo com que eu não concordo ou de que não goste, mesmo que esse emprego fosse pra ficar em frente a um computador. As pessoas falam que a gente tem que começar de baixo, mas observe o RF – há quanto tempo você trabalha na gráfica, RF? Veja, ele trabalha na gráfica há cinco anos. Ele começou fazendo tudo na empresa, já varreu,

já fez faxina, de tudo na gráfica e por que ele não tem uma gráfica? É por que ele não é inteligente? Não! A maior tecnologia tá aqui, ó! [JC aponta para a cabeça]. A sociedade não oferece condição de você progredir, de ter seu próprio negócio. Sabe por quê? Porque você é preto e da favela! Não há uma valorização da periferia, do jovem da periferia, para que ele possa trabalhar naquilo que ele realmente quer. Por exemplo: no hip-hop a gente faz teatro, grafite, dança, música. Por que eles não querem reconhecer que a gente tem um trabalho? (JC – Entrevista, 22/6/2007)

Mesmo quando os jovens aceitam determinadas formas de trabalho oferecidas pelo mercado, eles não são reconhecidos como capazes para a função, seja pela empresa, seja pela própria sociedade. Isso fica claro na fala que se segue, na qual Black-out conversa comigo sobre a existência do preconceito social contra o jovem da periferia:

Vou usar um trechinho de um dos maiores pensadores do rap nacional quando ele diz que numa grande metrópole como São Paulo ver um jovem periférico, preto, pobre ou morto já é até cultural. A discriminação sempre vai haver, por mais que você siga os padrões da sociedade. Você trabalha, ganha o seu de forma honesta, mas quando você tiver fora do seu âmbito do trabalho e tiver sendo você, na rua, de bermuda, de chinelo e de camiseta, você vai ser discriminado, tá entendendo? Eu mesmo já tive experiência de estar no palco cantando e quando voltei ao meu trabalho [Black-out se refere ao tempo que trabalhava numa loja de calçados no centro de Caruaru] certas pessoas chegaram comentando sobre um jovem que estava naquele evento cantando, e elas usaram o termo “cantando música pra malandro”, tá entendendo? Elas se referiam ao rap que eu tinha apresentado num festival promovido pela Polícia Militar, uma campanha pela paz. E nisso os dois cidadãos discutindo, não sabendo eles que o jovem a quem eles se referiam era exatamente eu, que, naquele momento, estava ali numa loja trabalhando, atendendo eles. Ou seja, eu, o “suposto” malandro, como eles haviam dito. E eu assisti a eles conversando sobre mim, sem que eles soubessem que era eu quem estava ali. O engraçado nisso é que um deles falou pro outro: “Esse maloqueiro parece com aquele cara, não é?”. Aí o outro respondeu: “Que nada, cara, não tá vendo que aquele maloqueiro não tem condição de estar numa beca dessas!”. Ele se referia ao fato de eu estar de camisa de manga comprida e gravata. É nisso que eu digo; que a discriminação sempre vai existir. Cabe a nós fazer o possível para dobrar, porque por mais que a discriminação exista e que o preconceito insista, tá havendo outra visão, e um dos responsáveis por isso tem sido justamente o movimento hip-hop, que tá mostrando aí que o jovem da periferia trabalha, tem responsabilidade, tem família e tem objetivo de vida. Tá entendendo? Essas barreiras sempre vão existir e eu vou sempre falar pro meu filho que essas coisas existem e ele tem que aprender a conviver com elas até que elas sejam extintas, que é o que a gente deseja, né? Mas é uma coisa muito complexa. (Black-out – Entrevista, 19/6/2007)

Esses jovens sonham um dia serem reconhecidos pelo que fazem, desenvolver um dos elementos do hip-hop. O rap, elemento musical, é o caminho pelo qual eles têm demonstrado maiores esperanças. E, aí, eles espelham-se nos exemplos de sucesso do rap nacional. O fato é que não é fácil, para eles, sonhar com a possibilidade de vencer as dificuldades diante das pressões sociais, sobretudo do mercado, mas também da necessidade de superar as fronteiras da favela, como assinala Regina Novaes (1999, p. 69):

Enquanto participam de centenas de grupos existentes, os jovens sonham sobreviver através da música, sonham entrar neste mercado. Sonham com o sucesso de vendas, querem vender uma mensagem, mas não “querem se vender”. Todo tempo se faz uma mesma pergunta: entregar ou não entregar o rap para a indústria fonográfica? Vender onde e para quem? Depois de um contrato, as letras estão ou não mais palatáveis “ao sistema”? Como definir as fronteiras entre “ganhar dinheiro com ética” ou “fazer uns baratos escrotos para ganhar dinheiro”?³²

Embora se refira, mais especificamente, ao Sudeste do país, onde o hip-hop já adquiriu certo reconhecimento, e alie a esse fato a presença dos grandes líderes do hip-hop nacional, Novaes deixa claro que está tratando de uma realidade nacional e, portanto, bastante heterogênea.

Tomando a situação-tipo que estamos analisando e levando em consideração os desafios do jovem no Nordeste do Brasil, a situação agrava-se, pois, à questão econômica somam-se a questão cultural e a simbólica, que, evidentemente, estão presentes também no Sudeste; mas, aqui, a questão simbólica tem um agravante cultural: “a macheza nordestina”. Um jovem pobre, de pele escura, de baixa escolaridade, favelado, não pode querer sobreviver da música, da dança e do grafite, numa região como esta, onde homem que se preza tem de trabalhar no pesado, ser “cabra-macho”.³³

Uma das demandas mais fortemente reforçadas pela Família MJB tem a ver com a questão da “educação inclusiva”.

Dá a necessidade de construir um quadro (conforme abaixo configurado) onde os jovens pudessem se manifestar sobre o que eles afirmam ser essa demanda. Neste terceiro quadro, as opções de respostas seguem os critérios do quadro anterior, possibilitando aos jovens um momento para fazer seus comentários quando julgarem necessário, ou suas respostas não oferecerem clareza de entendimento.

É interessante observar o desenho que o quadro mostra, pois aponta para questões que remetem ao plano da diferença cultural e de uma política de reconhecimento como uma demanda presente no que esses jovens afirmam. Os itens “Valorização da cultura jovem periférica pela escola” e “Eliminar o preconceito social, econômico e cultural/racial” aparecem com o mesmo índice percentual, o que nos diz estar havendo uma discrepância no campo simbólico escolar. Isso se reflete no desempenho do jovem da periferia, razão pela qual eles se sentem excluídos da escola.

Este quadro aponta para duas questões fundamentais: a primeira assinala uma concepção de cultura que vai do elemento simbólico de afirmação de identidade étnica, “a cultura negra”, por exemplo, a uma percepção da cultura como um produto a ser negociado como moeda de troca. Nesse sentido, eles falam dos elementos (rap, grafite, dança e discotecagem) constituintes do hip-hop como profissões e produtos a serem negociados no mercado de bens e consumo.³⁴ Falam também da necessidade de profissionalização no hip-hop. A segunda questão aponta para uma maior inserção da cultura e, neste caso, dos valores étnicos no fazer escolar. Para esses jovens, a forma como a escola retrata a história do negro é depreciativa, e isso contribui para que os afro-descendentes sejam estigmatizados, tirando-lhes qualquer chance de afirmação social.

QUESTÕES QUE MAIS PREOCUPAM O QUE O JOVEM CONSIDERA FUNDAMENTAL PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	1.ª Opção	2.ª Opção
Valorização da cultura jovem periférica pela escola	98,1%	1,9%
Educação profissionalizante de qualidade	50,1%	49,9%
Não discriminar o jovem periférico por ser pobre	93,4%	6,6%
Eliminar o preconceito social, econômico e cultural/racial	98,1%	1,9%
Entender as origens das dificuldades escolares do jovem	100%	-
Acreditar no potencial do jovem periférico	96,7%	3,3%
Educação adequada às necessidades do jovem periférico	83,4%	16,6%
Maior integração escola-família-cotidiano	63,4%	36,6%
Escola adequada aos ideais do jovem periférico	83,4%	16,6%

Fomos conferir isso, ouvindo os jovens.

Não ter escolaridade adequada à faixa etária estabelecida pelo sistema significa para a sociedade não ter cultura. É assim que eles nos vêem. Desse modo, somos negados enquanto pessoas, e o que sobra para nós? Pólvora, violência, o crime. É contra isso que a Família MBJ tem lutado. Temos buscado revirar a moeda, pois sabemos que ela tem outra face, mas não é fácil virar o jogo a nosso favor, pois o sistema não vai aceitar que agente vença. (Black-out – Entrevista, 23/6/2007)

A cultura apresenta-se para esses jovens como expressão simbólica da sua singularidade, mas também como atividade-meio, pois eles vislumbram tirar daí sua sobrevivência, uma vez que acreditam se tornar profissionais, desenvolvendo os quatro elementos: grafite, música, dança e discotecagem. Assim, não aceitam que sejam reservados para eles apenas os trabalhos menos prestigiados na escala social.

Eu trabalho numa gráfica. Comecei lá fazendo de tudo, até faxina nos banheiros. Eu estou concluindo o segundo grau, mas o que isso vale para um jovem da periferia? Aqui, não adianta ter o segundo grau, nem mesmo mais que isso. Você é tratado como se fosse um zé ninguém. Mas eu tô na humildade! Agora eu sou operador. Às vezes, o patrão me manda à papelaria comprar alguns materiais que estão faltando na gráfica. Eu vou com minha roupa de trabalho mesmo e fico observando como as pessoas me olham. Um preto, todo melado de tinta, sujo! Eles não têm nenhuma consideração. É assim que somos tratados, não como um trabalhador, mas como um ninguém! (RF – Entrevista, 24/6/2007)

A questão da profissionalização por meio dos elementos do hip-hop tem sido objeto de afirmação no movimento hip-hop mundial. Em 1999, quando Crazy Legs esteve no Rio de Janeiro, foi convidado para fazer um comercial para uma “Cia.” de telefone móvel, e a produtora precisava de um b-boy para ser coadjuvante. Depois de convocar alguns e ter assistido a eles, Crazy Legs recusou todos os que foram trazidos, alegando que eles não tinham vibe, isto é, o conhecimento necessário para o trabalho.³⁵ A partir daí, começou-se a desenvolver uma nova mentalidade no hip-hop nacional, de que não se podia pensá-lo apenas como uma diversão, mas algo sério e que podia tornar-se um campo de luta profissional para os jovens, o qual eles não podiam negligenciar.

A profissionalização tem sido uma temática seriamente discutida pela família MBJ. A escola regular, sabem eles, é incapaz de preparar o indivíduo para o mundo do trabalho. Sabem também que, sem essa capacitação profissional, eles não terão chances no mercado de trabalho. Revisitando o campo, agora em 2007, tenho ouvido deles a necessidade de cursos profissionalizantes adequados à realidade dos jovens periféricos. E isso está claro nos 2.º e 9.º itens do quadro apresentado acima, nos quais as demandas de “Educação profissionalizante de qualidade” e “Escola adequada aos ideais dos jovens periféricos” apresentam como índices 50,1% e 83,4% (primeira opção) e 49,9% e 16,6% (segunda opção), respectivamente.

Desse modo, eles não aceitam que sejam rotulados de incapazes e despreparados para o mercado de trabalho. Para eles, o que há é uma política de segregação e exclusão social à qual a escola está intimamente relacionada, quando ela não oferece as condições de exercício pleno de sua cidadania. Ela nega aquilo que, segundo eles, constitui a base da formação do indivíduo, sua cultura.

A cultura, eu tô falando da cultura como “plural”, é o elemento formador da cidadania. O cidadão é aquele que age com consciência, e a cultura é elemento que vai dar essa estrutura ao indivíduo. Na cultura hip-hop, por exemplo, quando a gente tá trabalhando com as crianças, então elas vão crescendo, muitas vezes sem entender o que está acontecendo, até que ela se reconhece um cidadão. Então a cidadania é uma coisa que se forma no indivíduo e é adquirida na sua vivência com a tradição. A cultura é essa tradição. Daí, no hip-hop, a gente está o tempo todo levando o jovem a entender que ele não pode desconhecer suas raízes sociais e culturais. A escola, oferecida pelo sistema à periferia, não está preocupada com essa formação: fazer os jovens reconhecerem suas raízes culturais. Pelo contrário, essas raízes são negadas ao jovem da periferia. Então essa escola não serve, pois o jovem educado por ela, se é que podemos chamar isso de educação, não possui a consciência do que ele é realmente. Ele é um indivíduo, só que com uma consciência que não é a dele, de sua cultura, de sua raça. Que indivíduo é esse? Ele é um perdido! É por isso que ele não se encontra, é por isso que esse jovem toma os caminhos que toma na vida, porque ele não se reconhece. No hip-hop a gente tem essa preocupação de fazer o jovem encontrar suas raízes, pois este é o ponto de partida da construção da cidadania. É como diz Mano Brown: “A cultura negra é uma árvore que possui vários ramos, o samba é um ramo, o jazz é outro ramo, assim também o hip-hop é outro ramo dessa árvore”. Essa é a cultura. (DJ Nino – Entrevista, 9/7/2007)

A escola? Bom, ela é importante, mas não para o jovem da favela, muito menos se ele for negro. Não da forma como ela está aí. Veja bem o que eu quero dizer; não é que a escola não tenha importância para mim. A questão é: o jovem da favela tem uma educação de qualidade oferecida pela escola? E educação recebida da escola é garantia para esse jovem de que ele vai arrumar um bom emprego? Não! Nem uma coisa, nem outra! Eu, por exemplo, gostaria muito de ter um emprego, ser reconhecido pelo meu trabalho. Mas qual o empresário que vai me dar esse emprego? Que vai achar que eu tenho condição de ocupar esse emprego? Nenhum. Depois, você sai da escola, conclui seus estudos, se é filho do rico tem logo um emprego bom, ou tem dinheiro para abrir seu próprio negócio, aí os estudos desse jovem têm importância. Mas e o filho do pobre? Qual é a condição que você tem para produzir seu conhecimento, ou para pôr em prática os conhecimentos que você construiu? Culturalmente, a escola não contribui para o reconhecimento do jovem da favela. A própria forma como ela apresenta a cultura do jovem da favela é negativa. (JC, Juventude Sangrenta – Entrevista, 23/7/2007)

Um item no quadro acima que me chamou a atenção foi o de número 5: “Entender as origens das dificuldades escolares do jovem”. Por unanimidade, os jovens reconheceram essa questão como fundamental no atendimento da demanda social da educação (100%). Precisava conversar com eles para ouvi-los sobre o que isso significava para todos. Evidentemente que havia

algo muito singular aí, e era preciso desvendar.

A escola não está usando uma linguagem que alcance o jovem da periferia. A escola é uma coisa necessária, porque o jovem da periferia necessita conhecer a realidade, mas é preciso encontrar o jeito de aproximar essas realidades, a da escola e a da comunidade, pois são diferentes. E a escola não está sabendo fazer isso, os professores começam por discriminar a cultura do jovem da periferia como se a cultura da escola fosse a mais poderosa, a mais certa. Então você conversa com o jovem da periferia: "Aê! Como é, vai à escola?". Ele responde: "Que porra de escola! O professor quer ser melhor que a gente, quer mandar em mim!". E por aí vai. Quer dizer: falta esse diálogo! A escola é importante. Ninguém quer negar isso. Você vê, o professor sai da faculdade sem saber nada sobre a realidade, sem conhecer quem é o aluno com quem vai trabalhar e muitas vezes é um aluno problemático, com vários assassinatos na família, aí começa o conflito quando a escola impõe a disciplina, porque escola é isso, não é? A escola então, para aquele jovem lá, é como uma cadeia! "Olha, doido, se tu não te comportar, vai levar pau!" Na cadeia é porrada, na escola ele é reprovado, humilhado e até mesmo expulso. Então o jovem sabe o que vai acontecer e sai da escola antes de ela o expulsar. (DJ Nino – Entrevista, 9/7/2007)

Alvim (2003), discutindo a associação escola–violência, presente, sobretudo, na mídia escrita, afirma: "Penso que, para além do que se tem chamado de violência nas escolas, existe uma questão maior que é a da exclusão social que aparece nas relações que se desenvolvem dentro das escolas públicas". Mais adiante, essa pesquisadora faz a seguinte consideração:

Grande parte dos professores do ensino fundamental e médio, desta e de outras escolas, aponta para o desinteresse dos alunos no aprendizado dos conteúdos das matérias ensinadas, importantes para os professores desenvolverem novos conteúdos. Talvez aí esteja grande parte do problema e que leva a pequenas ações de indisciplinas, gerando aos poucos situações de violência, agressões como, por exemplo, danificar carros de professores, mas de natureza diferente da infração. Haveria uma forma de perceber o mundo, a realidade, um falar, uma linguagem que não permitam um entendimento mútuo.

Entendo que a antropóloga atinge o ponto nevrálgico da situação. Primeiramente, a discrepância de visão de mundo entre alunos e professores. Não que isso não possa acontecer; afinal, a alteridade é a principal bandeira do antropólogo, mas, no caso presente, é flagrante o desconhecimento dos professores sobre o mundo cultural dos seus alunos. Mais que isso, é também flagrante o etnocentrismo como essa realidade é tratada. Temos então o segundo ponto da fala de Alvim, a linguagem dos professores. Esta não tem favorecido a comunicação. Penso que essas duas realidades estão imbricadas. O jovem da favela sente isso na pele. Aí está o sentido de sua aversão a uma instituição que pode ser de grande valor para ele.

Não posso deixar de lembrar que foi quando minhas referências se aproximaram do meu aluno Black-out (refiro-me ao jovem que promoveu minha aproximação aos jovens hoppers, membro da Família MBJ, em 2002) que minhas aulas se tornaram importantes para ele, e isso nos aproximou. Segundo Certeau (Op. cit., p. 106), "a cultura não é apenas absurda quando cessa de ser a linguagem daqueles que a falam; quando volta contra eles a arma de uma discriminação social e a navalha destinada a um desempate; quando a operação cirúrgica diz respeito à produção cultural".

Nós estamos vivendo em um mundo de ignorância, e não estou falando das coisas que acontecem aqui na "quebrada", da violência, da polícia e da violência do crime, não! Eu não estou falando da quebrada, mas do sistema. É uma ignorância intolerável! Imagine que você está fazendo coisas boas, como ajudando aos jovens a entender, eles mesmos, suas dificuldades, através da cultura, do reconhecimento de sua cultura; então, que mal existe nisso? Mas o sistema não entende isso e, por não entender, ignora. Aí você ouve muitos dizerem: "Ah, eu não gosto de rap, porque os caras são ladrões, eles falam da violência, do crime, fazendo apologia à violência e coisa e tal". Então não é só a ignorância, no sentido de não conhecerem, mas a maldade, a ignorância maldosa, que quer prejudicar a periferia... Há uma individualidade presente na discriminação que a sociedade faz dos jovens da periferia, estou falando do jovem que faz rap, do jovem do hip-hop. As pessoas acham que o que tem que prevalecer é aquilo de que eles gostam. Então eu gosto disso e não considero o que o outro possa gostar. Há aí um entendimento individualista da cultura. Cultura seria apenas aquilo de que eu gosto, ou a minha cultura. Eu, por exemplo, não gosto de pagode, mas não censuro! Tenho muitos amigos aqui no Morro que curtem pagode, mas e daí? Se você acredita que pode ganhar a vida com essa cultura, que vá em frente. Se eu puder ajudar, eu ajudo; se não posso ajudar, pelo menos procuro não atrapalhar. A gente tem dito que o hip-hop é uma forma de viver, é um estilo de vida, mas não o único. Então, do mesmo jeito que eu respeito as culturas dos outros, eu entendo que as pessoas devem respeitar a minha cultura. E é isso que a gente procura passar para a molecada. (DJ Nino – Entrevista, 9/7/2007)

Outra questão é a necessidade de integração escola e comunidade. Isso é apresentado no quadro, com os índices seguintes: 63,4%, na primeira opção, e 36,6%, na segunda, como forma de superação das dificuldades que o jovem encontra na escola. Es-

sas dificuldades são remetidas à falta de conhecimento por parte da escola, mais especificamente do professor, em relação ao que se passa na forma como o jovem lê a realidade dele.

A escola representa espaços, mas que espaços são esses? Os espaços do que se vive na academia e não do que se vive na realidade. O que eu quero dizer com isso é que falta à escola maior integração com a realidade e, no caso específico da periferia, eu quero dizer que falta à escola conhecer melhor o que se passa com a família. Ou seja, o que o professor aprende na academia necessita estar em sintonia com a realidade. E nesse caso, se o professor toma os conhecimentos que ele adquiriu na academia e junta isso ao que ele aprende na convivência com a “quebrada”, então a escola terá sentido pra favela. É necessário que o professor passe pela academia, mas também passe pela comunidade, onde ele vai trabalhar. Que conheça essa comunidade, quais as suas dificuldades, como é que seus alunos entendem o mundo. Como as famílias se organizam aqui. Então, com esses conhecimentos, o professor vai conseguir fazer um bom trabalho, um trabalho que, com certeza, terá lucro. Aí a escola será importante. Mas quando a escola está lá, paradinha, no lugar dela, com seus professores, porque a escola é boa, é o saber, a cultura, o conhecimento, a arte educativa, informação, só que ela recebe os alunos sem se importar com a realidade deles, e eu falo da estrutura da família desses alunos. Se a escola vai até a comunidade, eu tô dizendo: conhecer a realidade das famílias desses alunos, aí você vai ver resultado no final do ano. Porque a educação depende muito disso. Agora, a criança chega em casa não encontra os responsáveis por ela, então ela vai pra rua, ela não vai ligar para estudar. O grande problema da escola é este: é que ela está distante da realidade do aluno (estou falando do jovem da periferia). Daí porque o jovem pode até se dar bem, mas ele vai perceber que a escola não ajudou ele na vida. A escola tem muito preconceito com o jovem da periferia. O professor não vai saber como trabalhar com aquele aluno se não conhece a realidade dele. (DJ Nino – Entrevista, 9/7/2007)

A escola, como instituição social que é, necessita deixar claro qual o sentido que ela possui para aqueles jovens. Eles já desconfiam do discurso da ascensão social via processo escolar, que tem se mostrado uma farsa do sistema. Aí se explica, talvez, a fala de Mano Brown: “Minha geração só perdeu tempo na escola” (NOVAES, Op. cit., p. 77). Os “dados” estão lançados e as chances desses jovens são mínimas, ou quase inexistentes. O passo inicial é buscar compreendê-los como jovens de direito. E aqui entendo que uma instituição social que tem, nesse processo, papel fundamental é a escola, pela capacidade que ela tem de aglutinar diferentes concepções culturais em seu interior. É urgente pensar uma escola que consiga enxergar, no que esses jovens fazem na rua, um significado cultural. Entendo que esse será um bom começo, uma escola que os compreenda, que os ensine, mas também aprenda com eles.

Efeitos

Os jovens entendem que, apesar das dificuldades enfrentadas nos embates sociais para fazer valer seus objetivos, eles têm alcançado resultados positivos. Consideram, por exemplo, o fato de o hip-hop estar na mídia televisiva hoje, ter virado moda, como eles assinalam, também tem contribuído muito para que suas reivindicações se tornem efetivas. Em relação ao preconceito étnico-racial, eles têm dito que vários fatores têm ajudado para a modificação do quadro negativo. Por exemplo, eles têm apontado para o aumento expressivo da presença de negros em funções sociais até então não muito presentes, como professores, advogados e até mesmo parlamentares. Isso acaba colaborando para a desconstrução da imagem negativa do negro na sociedade.

Hoje em dia, a escola tem contribuído para amenizar o preconceito, porque você já vê professores assumindo outras posturas em relação ao racismo, você já vê bastantes professores negros, diretores negros nas escolas, também tem mais negros na escola que dez anos atrás, o crescimento do hip-hop, o aparecimento na mídia, televisão, de muitos atores negros, representando papéis importantes, ricos. Projetos contra o racismo sendo discutido pela sociedade. Na Copa do Mundo, a gente assistiu a manifestações contra o racismo, entendeu? Então, tudo isso acaba contribuindo para amenizar a pressão. Então, a presença do negro em posições que até então eram impossíveis de ver já ajuda a mudar o quadro do racismo, sem dúvida. Então, a sociedade já começa a pensar de outra forma, não é porque o cara é negro, pobre, que vamos deixar de acreditar nele, né? Então, a sociedade tá começando a discutir essas questões. A própria política tem mudado, né? Já se vêem projetos voltados a rever a forma como o negro é tratado, a gente tem parlamentares negros, preocupados com essas questões, o próprio movimento de consciência negra, na Ordem dos Advogados, muitos advogados negros. É isso. (RF – Fragmento de entrevista, 14/7/2007)

Outro fator reconhecido como fundamental, como instrumento de pressão e motivador de mudanças no comportamento das instituições e da sociedade civil, é a democratização dos meios de comunicação, por meio das rádios comunitárias. Estas têm reformulado sua visão com relação aos estratos sociais, bem como ao coletivo jovem, aqui estudado como situação-tipo. É isso que assinala Black-out:

Vou dizer a verdade. A mídia tem visão. Uma visão que falta muitas vezes dentro da própria quebrada. Por isso que só os rappers que têm certas visões é que estão na mídia. A visão da mídia é a seguinte: a mídia viu que o hip-hop tem público e o que tem público gera renda; no caso da mídia, audiência. Então isso que eles passaram a ver no hip-hop, porque o hip-hop tem crescido e tem atingido grande proporção, então não tinha como eles esconderem, por mais que tentassem! Não tinha como, principalmente a mídia televisiva, porque as rádios comunitárias estão por aí se espalhando cada vez mais pelo Brasil a fora, tocando o rap nacional, então eles passaram a ver que não tinha mais como esconder, até nas programações infantis hoje se toca hip-hop. Então a gente tá dominando o Brasil. (Black-out – Fragmento de entrevista, 19/6/2007)

Mas as mudanças não são acompanhadas apenas nas relações externas com as instituições sociais e a sociedade civil organizada. Elas são estabelecidas pelas ações da família MBJ. Elas também se efetivam nas relações familiares desses jovens. Ao perceberem que seus filhos acabam escapando da malandragem e são reconhecidos socialmente, os familiares acabam se tornando os propagadores das ações dos filhos, contribuindo para sua realização profissional, como atesta o DJ Paika:

Antigamente, os próprios familiares da gente discriminavam a gente porque achavam que esse negócio de rap era malandragem. Hoje, graças ao trabalho da família MBJ, os familiares da gente são os primeiros a valorizar a gente, porque vêem a gente se apresentando nas rádios, na televisão, eles passaram a acreditar no futuro e eles mesmos pegam os CDs da gente pra vender. O pai do Max, por exemplo, quando sai pro trabalho dele, pega o CD da gente e leva pra vender lá. Os próprios parceiros da favela perguntam se a gente tem o CD pra vender. (DJ Paika – Fragmento de entrevista, 23/6/2007)

O grande desafio tem sido transformar essas demandas em políticas públicas de ou para a juventude. Esses jovens têm experimentado o quanto as forças dominantes da sociedade resistem em abrir mão de seus privilégios em benefício da coletividade e, nessa resistência negativa, não fazem questão de praticar injustiça social.

A gente tem reclamado, por exemplo, da Secretaria da Juventude, sobre a ausência de políticas públicas locais para juventude. A Secretaria tem se restringido apenas à realização de eventos, mesmo assim restritos à juventude da classe rica. Para a periferia mesmo, não tem sido feito nada, nenhum projeto. Se eu fosse chamado para opinar sobre o uso do dinheiro público em políticas de juventude, primeiramente eu acabaria com essa coisa de fazer só para uma classe. Não interessa. Se é para o bem, eu investiria em todos os setores da sociedade. Os jovens precisam de educação profissionalizante. Então, vamos investir nisso. (DJ Nino – Fragmento de entrevista, 19/6/2007)

O que tenho observado no campo é que as políticas públicas, relacionadas às demandas juvenis, têm atingido um público mais efetivo nas grandes cidade ou metrópoles; quando se trata das cidades de médio e pequeno porte, quase sempre não se têm resultados efetivos. Isso ocorre por falta de interesse político, sobretudo no caso analisado: uma cidade da região agreste de Pernambuco, no Nordeste brasileiro. Nesses grotões, a política é feita de forma atrasada, baseada no clientelismo. Para ela, não existe o reconhecimento da cidadania plena, ou do cidadão como ser de direito. Desse modo, os jovens ficam sem a devida atenção aos seus problemas e, por causa da falta de informação, eles acabam não (re)conhecendo seus direitos.

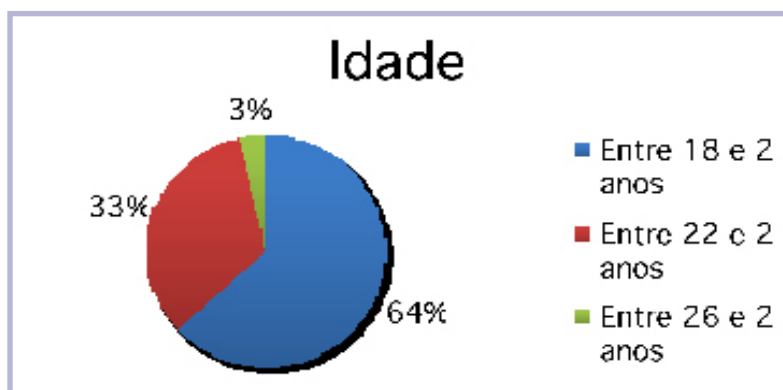
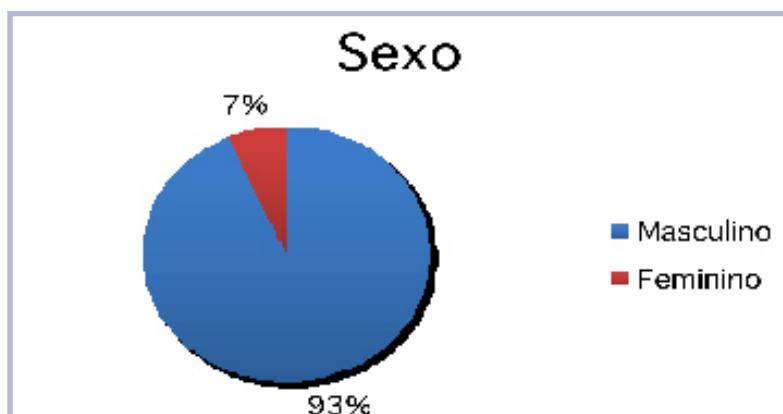
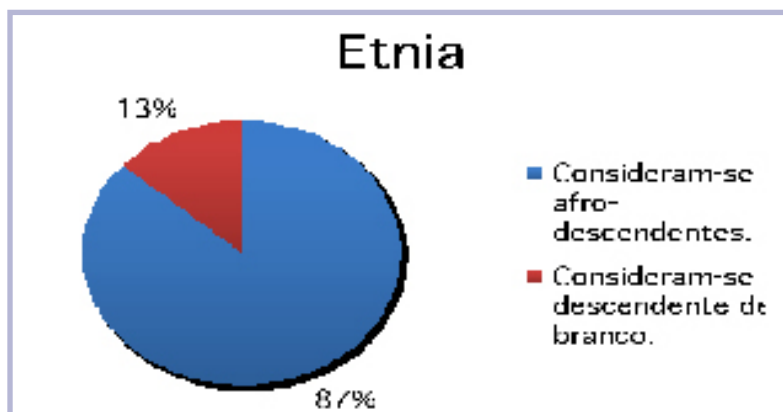
Como assinala Black-out, o grande problema por aqui é a falta de informação. Quando não há informação, o poder é exercido à base da tirania, do déspota esclarecido. A informação, segundo Black-out, “é o nosso desafio maior. Os jovens não têm procurado a informação de que tanto precisam para fazer valer seus direitos, apesar dos recursos disponíveis, como a internet e, no caso do hip-hop, a revista Rap Brasil, que eu considero o maior meio de comunicação do rap nacional. Então este será o nosso próximo desafio: fazer o jovem entender a importância da informação como quinto elemento do hip-hop”. (Diário de Campo, 19/6/2007)

Notas

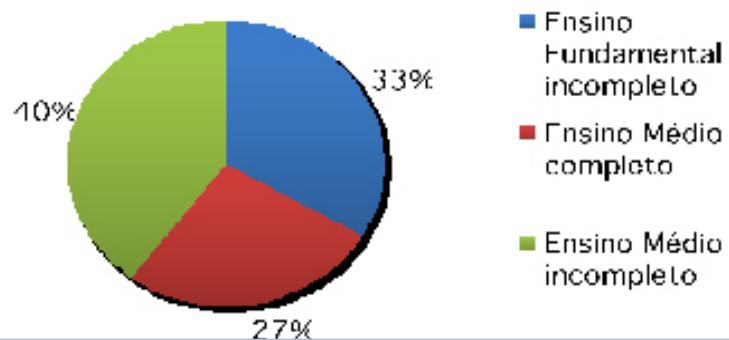
- 1 Termo que eles absorveram de suas vivências no movimento hip-hop. Não é utilizado por outros jovens ou adultos residentes nesses bairros para se referirem a eles.
- 2 Ver ALVES, Adjair (2005). Cartografias culturais na periferia de Caruaru: hip-hop, construindo campos de luta pela cidadania. Recife/PE. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia.
- 3 Acreditamos serem essas as principais causas do processo de ocupação desordenada do espaço urbano de Caruaru, fruto de um fluxo migratório proveniente das cidades circunvizinhas e da zona rural, que se instala em espaço urbano em busca de condições econômicas favoráveis, mas nem sempre encontradas. Isso contribuiu para a existência desse fenômeno sociocultural. Segundo dados do IBGE, Caruaru tinha, em 1996, uma população de 11.229 migrantes. O censo de 2000 apontava uma população de 253.312 habitantes, sendo 217 mil residentes em área urbana e 36.228, no campo. O censo de 2006 já indicava uma estimativa de 283.152 habitantes.
- 4 Trata-se de uma grande massa de desempregados, ou de pessoas que trabalham na economia informal, atividades comerciais e serviços, em torno das feiras da sulanca (palavra oriunda da junção de “sul + elanca” – tecido popular proveniente da região sul do país –, daí “sulanca”), do artesanato e da popular feira de Caruaru.
- 5 JC, da banda Juventude Sangrenta, MBJ.
- 6 O uso do termo periferia para designar esses bairros em Caruaru é uma peculiaridade dos jovens hoppers, possivelmente como influência das leituras da revista Rap Brasil, cuja circulação é garantida entre os jovens do movimento hip-hop. Pode-se dizer que também que isso se dá pela influência do rap nacional, muito assíduo entre eles. Esses bairros são mais conhecidos pela denominação de “popular” e até “comunidade”. Os hoppers preferem “periferia”, “quebrada” ou “favela”. Delimitamos como campo de pesquisa o Morro Bom Jesus e o bairro Centenário, embora não sejam os únicos bairros com essas características em Caruaru, onde a cultura hip-hop se faz presente.
- 7 No campo, tenho ouvido muitos relatos de jovens que afirmam ser trabalhadores, mas, por ocupar as praças com atividades de lazer, na sua forma rebelde e barulhenta, e por não terem suas atividades reconhecidas como um trabalho, acabam sendo tratados como caso de polícia, como marginais, vagabundos. Rótulos que eles terminam por assumir após ressignificá-los positivamente. Muitos jovens se intitulam “vagabundos de resposta”. É comum também ouvir dos políticos e da sociedade propostas para tirar esses jovens da rua. Essas propostas não levam em consideração os laços culturais que eles estabelecem com esse espaço público quando o tornam seu território. Aí, residem algumas de suas demandas, a constituição de espaços de lazer para desenvolvimento de suas atividades artísticas e culturais e o reconhecimento dessas atividades como trabalho e cultura.
- 8 O tema do racismo constitui principal bandeira de luta da banda Obsessão Verbal – Morro Bom Jesus, como foi afirmado por JC, em entrevista anexa. (Diário de Campo 23/6/2007)
- 9 Movimento de ida e volta sobre o disco, emitindo um som como o de um arranhão.
- 10 Black-out – É importante observar que a expressão “maloqueiro”, ou “maloqueira”, é muito comum entre eles, quando se referem à garotada da favela (Diário de Campo 13/7/2002).
- 11 Colégio Estadual de Caruaru, em Caruaru-PE.
- 12 Black-out é um nome artístico dentro do movimento hip-hop. Alvim, discutindo sobre essa forma de nomeação própria de quem está na rua, afirma que “os novos nomes operam uma demarcação entre o mundo da rua e o mundo da casa” (Rosilene ALVIM. “Meninos de rua e criminalidade: usos e abusos de uma categoria”. In Neide ESTERCI, Peter FRY e Mirian GOLDENBERG. Op. cit. p. 196.).
- 13 Os hoppers costumam afirmar que o hip-hop põe em relevo os ritmos da rua. Daí a ligação afetiva dos elementos do hip-hop com os habitantes da rua.
- 14 Id., p. 30, 1.
- 15 A mim pareceu uma combinação entre o “Estado stricto sensu” e o “Estado lato sensu” (GRAMSCI, 1986), o que constitui o que aqueles jovens consideram seu antagonista: o “Sistema”. Esses jovens, quando interrogados sobre a participação na vida política, logo expressam sua descrença na sociedade política. Sua apatia é flagrante, não vislumbrando, por assim dizer, um projeto social de mudança no qual eles se sintam entusiasmados a engajar-se. O rap Três terroristas da periferia deixa clara a visão que possuem dessa realidade, a leitura que extraem das relações que estabelecem com o Sistema. Eles entendem que as condições existenciais a que estão submetidos é o efeito colateral do Sistema, representado pelo que eles identificam como “os três terroristas da periferia”: a política, a polícia e a violência física, mas também simbólica.
- 16 DJ Nino – FMBJ, 25/5/2003.
- 17 JC – da Juventude Sangrenta, 25/5/2003. Retornando ao campo em 8/6/2007, pude verificar que, embora tenhamos conquistado politicamente alguns espaços, a descrença desses jovens quanto às instituições políticas continua firme. Para eles, não haverá qualquer possibilidade de mudança social que não venha da organização dos movimentos sociais.
- 18 Em 2004, quando estabeleci meus primeiros contatos com a família MBJ, ouvi daqueles jovens seus reclamos pela ausência de políticas públicas no município que atendessem as demandas sociais da juventude da periferia. Embora eles tenham alcançado êxito em algumas de suas conquistas, elas se restringiram a uma espécie de auxílio do poder público, numa tentativa infeliz de cooptá-los politicamente. Na verdade, como está claro em notas fixadas no nosso Diário de Campo, não há sinal de constituição de políticas de juventude, apesar da existência de uma Secretaria Municipal da Infância e da Juventude. (Ver depoimento de Nino e Suspeito – Diário de Campo, 19/6/2007)
- 19 Informações coletadas no site <http://newhiphop.8m.com/about.html> (acessado em 5/12/2001).
- 20 Parte da crítica que os hoppers têm recebido aqui, no Brasil, sobretudo quanto à questão cultural, deve-se ao fato de esse movimento manter

- aspectos de suas origens americanas. Nesse caso, os hoppers são acusados de estar a serviço da invasão cultural norte-americana. Crítica que consideramos impropriedade, pois basta um olhar criterioso para perceber que existe muito da criatividade do garoto no atual movimento nacional, que se detém em fazer uma leitura crítica do cotidiano, sobretudo juvenil, das periferias brasileiras.
- 21 Disponível on-line na página www.geocities.com/sunsetstrip/alley/9264/thaide.htm, acessada em 12/5/2001.
- 22 Termo que ganha o cenário nacional, cristalizando-se como sinônimo de favela, a partir do rap Periferia é periferia, dos Racionais MC's.
- 23 Quando conheci os hoppers do Morro Bom Jesus, em Caruaru, em agosto de 2004, a maioria deles estava fora da escola sem sequer ter concluído o ensino fundamental. Ao retornar ao campo, em 2007, encontrei outro quadro visivelmente positivo. Como mostra o quadro anexo sobre a condição escolar, a maioria está cursando ou já concluiu o ensino médio, embora ainda haja uma forte queixa da escola que não se adequa à realidade social e cultural do Morro.
- 24 Os quadros apresentados neste tópico do relatório foram organizados à medida que as questões foram surgindo como resultado das primeiras conversas que tive com os jovens da família MJB sobre os objetivos da pesquisa. Foram consideradas as falas sobre educação e cotidiano, condições de trabalho e inclusão social, bem como a concepção de jovem, adicionada do adjetivo "periférico". Isso porque, sempre que falavam do jovem, eles destacavam que estavam falando de um lugar próprio.
- 25 Termo usado pelos hoppers para definir atos delinquentes.
- 26 ED, Calibre da Morte – Morro Bom Jesus (19/7/2007).
- 27 Quando iniciei meus trabalhos de pesquisa com os jovens do Morro Bom Jesus, trabalhava em uma escola que, embora localizada no centro de Caruaru, atende alunos de bairros da periferia. Muitos dos estudantes, ao perceberem minha ligação com os hoppers, indagavam-me se não temia poder me tornar vítima de alguma ação criminosa; às vezes, perguntavam como era possível alguém gostar de música de maconeiro. Uma vez um jovem da favela me disse que ouviu uma senhora comentar: "Não sei como o professor não tem medo de andar com esses meninos". Ficava me perguntando como era possível não perceber que a letra do rap trata da realidade de cada um daqueles alunos ou daquela senhora. Mas entendo que se trata de uma questão cultural, faz parte da forma como interpretamos o mundo, e, nesse caso, à periferia não é dado o direito de dizer o que ela é, de fato. Observo nesse tipo de comentário a presença da massificação ideológica hegemônica no sentido gramsciano do termo. (Ver Antonio GRAMSCI. *Concepção dialética da história*. 1986; *Os intelectuais e a organização da cultura*. 1989. p. 14-30.) (Ver *Diário de Campo*, 2004).
- 28 "Do mundão ao cárcere." Rap Brasil – A Revista da Cultura Hip-Hop. Ano II, n.º 17. Editora Escala. São Paulo. Dexter é um rapper do grupo 509-E.
- 29 *Diário de Campo*, 19/6/2007.
- 30 Malvina – rapper de bairro São Francisco (22/5/2004).
- 31 Percebi, numa ocasião em que cheguei ao Morro, um jovem perturbado porque alguém lhe havia subtraído um objeto de valor, uma ferramenta de trabalho, como parte de uma dívida que ele não pôde saldar em tempo. Correndo como um maluco para tentar recuperar o seu instrumento de trabalho, foi abordado por um traficante que se ofereceu para resolver a parada, como ele dizia. O chefe da boca ofereceu-lhe o dinheiro e uma arma, aconselhando-o a pôr fim àquela questão. Trata-se de um jovem de quem a mãe fala com orgulho por ele nunca ter sequer posto uma ponta de cigarro em sua boca, ou ter ingerido um só gole de bebida alcoólica. Então, eu tive de intervir, conseguindo para ele o valor correspondente, fazendo-o devolver o dinheiro do traficante, na mesma hora. (Notas do *Diário de Campo* – 2004)
- 32 Conforme notas no texto citado, as expressões entre aspas pertencem a Mano Brown, dos Racionais MC's.
- 33 A literatura nordestina é rica em exemplos de enaltecimento da macheza como traço cultural. Ver texto produzido por Durval Muniz de Albuquerque, "Mole não se mete", no qual o autor mostra como a figura do macho está associada ao imaginário nordestino, de tal modo que a própria mulher, quando sobressai nessa sociedade, tem de apresentar características masculinas; daí a expressão: "Paraíba masculina, mulher macho, sim, senhor". Outro exemplo é Maria Moura, de Rachel de Queiroz. O autor refere-se a outros tantos exemplos.
- 34 A questão é que eles sonham, no sentido positivo do termo, poder gravar suas composições e tornar-se independentes economicamente, assim como os b-boys que ganham a vida participando de comerciais de empresas que os contratam para vender seus produtos. O mesmo ocorre com os grafiteiros que são contratados para estampar logomarcas nas paredes e muros da cidade, bem como os DJs que são, igualmente, contratados para pôr a música em danças.
- 35 Rap Brasil – A Revista do Hip-Hop. N.º 23, ano IV, p. 17.

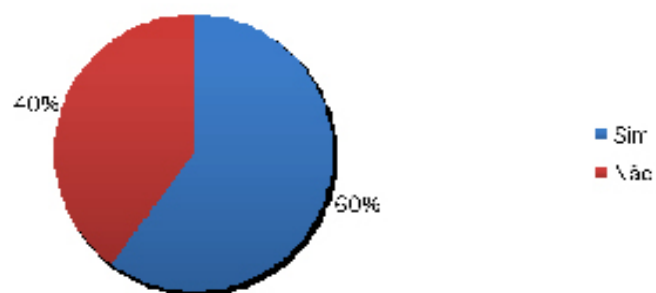
Perfil do jovem da Família MBJ



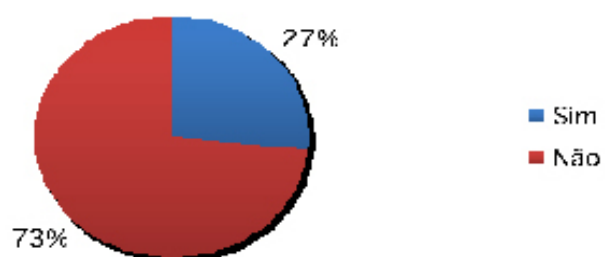
Escolaridade



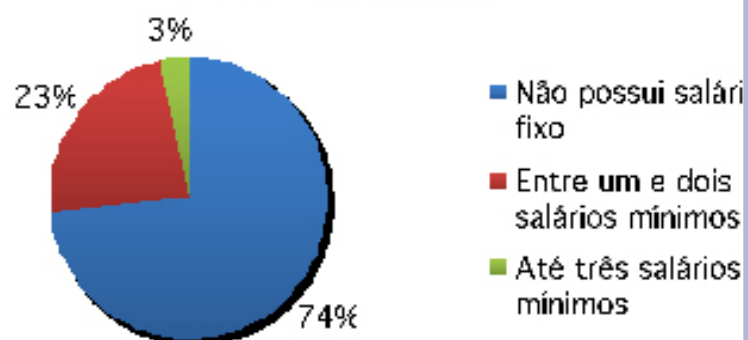
Continuam estudando



Possuem algum vínculo empregatício



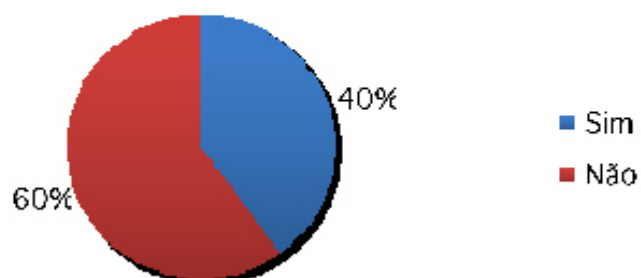
Faixa salarial



Declararam ser portadores de deficiência



Possuem filhos



Referências bibliográficas

- ALVIM, Rosilene. (2001). "Meninos de rua e criminalidade: usos e abusos de uma categoria." In. Neide ESTERCI, Peter FRY & Mirian GOLDENBERG. (orgs.) *Fazendo antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A.
- _____. (2003). *Escola pública: escola de pobres. Escola pobre?* In. CAOS: Revista eletrônica de ciências sociais. ISSN 1517-6916. João Pessoa: CCHLA / UFPB - Número 5 – Agosto.
- ADAD, Shara Jane H. C. (2002). *Corpo território-movimento*. In. *Cadernos de Teresina*. Ano XIV, n.º 34. Novembro.
- ANDRADE, Elaine Nunes de. (1996). *Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*. São Paulo, USP, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação.
- BOURDIEU, Pierre. (1999). *Economia das trocas simbólicas*. A economia das trocas simbólicas. Org. de Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva.
- BOURDIEU, Pierre. (coord.) (2003). *A miséria do mundo*. 5.ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes.
- BURITY, Joanildo A. (1999). "Caminhos sem fim – caminhos do fim? Movimentos sociais e democracia." In. Breno Augusto Souto-Maior FONTES. (org.) *Movimentos Sociais: motivação, representação e produção de sentido*. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- CERTEAU, Michel de. (1995). *A cultura no plural*. Trad. de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus. (Col. Travessia do Século).
- FERREIRA, Josué Euzébio. (2001). *Ocupação humana do agreste pernambucano: uma abordagem antropológica para a história de Caruaru*. João Pessoa: Idéia.
- FRASER, Nancy. (2001). *Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista*. In. SOUZA, Jessé. (org.) *Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 245-82.
- GEERTZ, Clifford. (1989) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- GOHN, Maria da Glória. (1997). *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola.
- _____. (2003). (org.) *Movimentos sociais no início do séc. XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Vozes.
- GRAMSCI, Antônio. (1986). *Concepção dialética da história*. 6.ª ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- NOVAES, Regina Reys. (1999). *Ouvir para crer: os Racionais e a fé na palavra*. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: 20 (1p. 69).
- ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. (2001). *Hip-hop: a periferia grita*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- WACQUANT, Loïc. (2001) *Os condenados da cidade*. Trad. João Roberto Martins Filho et al. Rio de Janeiro: Revan/FASE.